

Reflexo

Ferramenta
pedagógica para
uma nova relação
entre a escola e
as comunidades
ciganas

Reflexo

Ferramenta
pedagógica para
uma nova relação
entre a escola e
as comunidades
ciganas

Ficha técnica

Título

Reflexo
Ferramenta pedagógica
para uma nova relação
entre a escola e as
comunidades ciganas

Edição

Coolabora, CRL
www.coolabora.pt
Rua dos Combatentes
da Grande Guerra, 62,
6200-020 Covilhã

Concepção

Rosa Carreira (coord.)
Teresa Correia
Marta Alves
Maria Luísa Branco
Sónia de Sá
Sílvia Melchior
Bruno Gonçalves
Graça Rojão

Design gráfico

Sara Constante

Ilustrações

Paulo Dias
Sara Constante
Sebastião Pimenta

Produção

Gracinda Pereira

Impressão e Acabamento

Gráfica do Tortosendo
Rua dos Loureiros, 8
6200-754, Tortosendo

Tiragem

850 exemplares

ISBN

978-989-97709-9-7

Depósito legal

Covilhã, 2019

Edição financiada pelo FAPE
- Fundo de Apoio à Estratégia
Nacional para a Integração das
Comunidades Ciganas (ENICC)
promovido pelo Alto Comissariado
para as Migrações I.P. (ACM I.P).

Reflexo

Ferramenta pedagógica para uma nova relação entre a escola e as comunidades ciganas

Recurso elaborado no âmbito do projeto *Reflexo – Imagens positivas* que decorreu entre Fevereiro de 2018 e Julho de 2019 com o objetivo geral de contribuir para o combate ao abandono precoce da escola pelas crianças ciganas.

As posições defendidas nesta publicação reproduzem a visão das pessoas que estiveram envolvidas na criação dos seus conteúdos escritos e não representam a opinião oficial do Alto Comissariado para as Migrações I.P.

Agradecimentos

Reflexo - Ferramenta pedagógica para uma nova relação entre a escola e as comunidades ciganas é o resultado de um trabalho que envolveu várias professoras e professores do Agrupamento de Escolas Frei Heitor Pinto, alunas e alunos da Escola Básica 2 e 3 do Tortosendo e voluntárias e voluntários a título particular ou em representação de instituições públicas e privadas. Envolveu ainda muitas pessoas da comunidade cigana do Tortosendo de que destacamos Celeste Salgueiro, Mário Fernandes e Manuel Cardoso por serem os seus representantes na parceria, mas também porque se dedicaram incondicionalmente a este projeto. Imprescindível também, o contributo da Equipa do Núcleo de Apoio às Comunidades Ciganas – ACM, I.P. na revisão de conteúdos. A todas e a todos queremos expressar a nossa gratidão e o nosso reconhecimento.

Índice

Introdução	9
1. Sobre a Coolabora e o Projeto Reflexo	11
2. Reflexo – imagens positivas	15
2.1. O que é	17
2.2. Para quem é	18
2.3. Como é	18
3. Narrativa da experiência	21
3.1. Enquadramento	23
3.2. O processo de conceção	26
4. Propostas pedagógicas para uma escola inclusiva das crianças e jovens das comunidades ciganas – 2º ciclo	33
Português	35
Matemática	49
História e Geografia de Portugal	53
Ciências Naturais	65
Inglês	71
Cidadania e Desenvolvimento	77
Educação Visual e Educação Tecnológica	97
Educação Musical	105
Educação Física	113
5. Uma estratégia global da escola	123
6. Alguns recursos disponíveis	131
Referências	135

Introdução

Os estereótipos, e conseqüente discriminação das comunidades ciganas, são uma realidade que se mantém nos dias de hoje. Os obstáculos observados ao longo do processo de integração destas comunidades na cultura majoritária refletem-se particularmente no elevado abandono e insucesso escolares. Foi com base na constatação destes problemas que surgiu o *Projeto Reflexo - Imagens Positivas* que, numa perspectiva de educação intercultural, tem como objetivo colocar as comunidades ciganas e não ciganas a refletir sobre os seus valores e tradições, no sentido de potenciar o diálogo e um maior conhecimento e aceitação mútuos. Pretende-se, deste modo, através de uma escola mais inclusiva, empoderar jovens das comunidades ciganas, levando a que reflitam sobre o que é valioso na sua cultura e de que forma se podem inserir na cultura majoritária sem perder a sua matriz própria. A escola aparece assim como instrumento de uma política emancipadora e espaço da educação política das novas gerações, procurando através da diferenciação e do multiculturalismo curricular promover uma maior justiça e equidade. Em suma, através da conceção, experimentação e edição de um recurso com atividades pedagógicas a ser utilizado nas escolas e envolvendo ativamente, neste processo, alunos e alunas, professores e professoras e ainda encarregados e encarregadas de educação, pretende-se contribuir para:

- a permanência das crianças ciganas na Escola para além do 1º e 2º ciclos do Ensino Básico, combatendo, assim, o abandono escolar nesta população;
- o respeito de toda a Escola em relação à comunidade cigana, através da valorização das diferenças culturais e promoção de uma cultura

de não discriminação no contexto escolar (ou seja, uma Escola inclusiva).

1. Sobre a CooLabora e o Projeto Reflexo

A Coolabora foi fundada em 2008, a partir da iniciativa de 5 mulheres ligadas a iniciativas de desenvolvimento e de inclusão social que decidiram criar um projeto autónomo.

Desde então, assumiu a missão de contribuir para o desenvolvimento das pessoas, das organizações e do território orientada por princípios de promoção da coesão social, defesa da igualdade de oportunidades, aprofundamento da democracia e da participação cívica e desenvolvimento de processos de aprendizagem colaborativa.

A sua intervenção está alicerçada em torno de três linhas de ação: promoção da igualdade de género e combate à violência doméstica; incentivo a iniciativas de economia solidária e inclusão de pessoas em situação de vulnerabilidade social.

A intervenção social da Coolabora tem-se pautado por uma forte articulação com redes locais, nacionais e europeias, o que criou intensas oportunidades de aprendizagem coletiva, mas também de coordenação de esforços e de mobilização de recursos para fazer face a problemas sociais crescentemente mais complexos.

Uma outra característica distintiva da Coolabora reside na sua vocação para a experimentação social e por uma vontade de inovar que tem germinado experiências que mostram como ao nível local podem ser implementadas soluções criadoras de uma maior coesão social.

O projeto Reflexo – Imagens Positivas é consequência desta forma de trabalhar em rede, da vontade de inovar e do empenho na luta pela inclusão de pessoas e grupos em situação de vulnerabilidade social. O trabalho desenvolvido entre fevereiro de 2018 e julho de 2019 juntou a Coolabora, uma organização não-governamental com experiência de trabalho de intervenção junto da comunidade cigana do

Tortosendo, o Agrupamento de Escolas Frei Heitor Pinto, frequentado por um elevado número de alunos e alunas da comunidade cigana do concelho, o departamento de Psicologia e Educação da Universidade da Beira Interior, com um corpo docente sensibilizado para a temática da integração das comunidades ciganas, e a Câmara Municipal da Covilhã e a Junta de Freguesia de Tortosendo, também elas cientes de que, mais do que penalizar, há que encontrar soluções inovadoras e ajustadas à integração das crianças e jovens de etnia cigana na escola e, conseqüentemente, na sociedade. Desta parceria fizeram também parte três representantes da comunidade cigana do Tortosendo que defendem a importância da escola no processo de inclusão social das comunidades ciganas.

As atividades desenvolvidas durante o projeto contribuíram para a construção de uma imagem mais clara da forma como as crianças ciganas veem a escola e, por outro lado, ajudaram a comunidade educativa a ter, também ela, uma imagem mais nítida das especificidades da cultura cigana.

2. Reflexo:
imagens positivas

2.1. O que é

O recurso educativo que aqui apresentamos é dedicado a prevenir e combater as causas da dificuldade de integração das crianças e jovens das comunidades ciganas na escola. Partindo do pressuposto de que essa integração depende não apenas da vontade das famílias e das próprias crianças e jovens, mas também da escola, a equipa pluridisciplinar que o concebeu procurou criar e disseminar novas estratégias, novas reflexões e novas imagens sobre a relação das pessoas ciganas com a escola e da escola com as pessoas ciganas.

Daí que tenhamos colocado o foco na mudança a ocorrer na escola e criado um recurso educativo que contribua para a tornar mais inclusiva.

Por questões relacionadas com a duração do projeto mas também porque consideramos que o 2º ciclo de escolaridade se apresenta como uma barreira difícil de ultrapassar pelas crianças ciganas que frequentam a escola, focamos as nossas propostas didáticas precisamente nos 5º e 6º anos de escolaridade.

Assim, para além de alguns exercícios e atividades que são propostas didáticas baseadas em traços culturais e na história conhecida do povo cigano, e que podem ser usadas nas disciplinas do 2º ciclo, apresentamos um pequeno enquadramento da temática que mais não é do que a postura da equipa do projeto. Apresentamos ainda uma breve súmula de sugestões de atividades extracurriculares e estratégias a usar pela escola que podem complementar o trabalho feito dentro de cada disciplina (abordagem *whole school approach*) e algumas referências e links de recursos que permitam a utilizadores e utilizadoras do Reflexo, aceder facilmente a novas oportunidades exploratórias.

As propostas didáticas podem ser usadas de forma

flexível pelas professoras e professores e até serem adaptadas a outros anos de escolaridade. Não é referida a duração prevista de cada uma já que na sua testagem foi muito variável o tempo que cada exercício tomava à turma dependendo da dinâmica criada pela sua exploração.

2.2. Para quem é

Professoras e professores, especialmente do 2º ciclo de escolaridade. Mas também pode ser útil para técnicos/as de intervenção social, voluntários/as e outros agentes educativos que tenham interesse na temática abordada neste recurso educativo. Para todas as pessoas e profissionais que consideram que a relação dos ciganos com a escola é um problema complexo e multidimensional e que querem fazer parte da solução.

2.3. Como é

O Reflexo inclui duas componentes. Uma delas, e a que motivou a sua conceção, apresenta um conjunto de atividades para serem usadas nas salas de aulas do 5º e do 6º ano de escolaridade, mas também nas várias áreas disciplinares, em turmas com ou sem crianças ciganas. Estes exercícios e atividades têm o objetivo de dar a conhecer a cultura e a história ciganas, tornando-as familiares e assim facilitar a sua aceitação. Têm também o objetivo de fazer com que as crianças ciganas, vejam traços culturais do seu povo valorizados e, por isso, encarem a escola como um lugar onde estas matérias têm lugar e elas próprias também. Algumas são atividades a dinamizar pelo professor ou professora que oralmente

interpela a turma e outras são fichas de trabalho que podem ser impressas ou projetadas recorrendo às tecnologias de informação e comunicação. Em todas procuramos que a aprendizagem dos conteúdos se enriquecesse com a aprendizagem sobre o Outro, permitindo uma reflexão sobre valores e perspetivas incluindo estereótipos e preconceitos. Em todas procuramos colmatar aquilo que nos parece ser uma lacuna grave nos currículos das várias disciplinas dos vários anos de escolaridade: a ausência de referência à história e cultura dos ciganos enquanto comunidade presente em todo o país há cerca de cinco séculos.

A outra componente apresenta propostas de iniciativas que envolvam a comunidade educativa numa estratégia que parta da escola para a inclusão das crianças e jovens de etnia cigana; faz-nos a narrativa do processo de conceção deste recurso e deixa-nos ainda algum enquadramento teórico que deixa perceber a postura da equipa técnica e da parceria.

3. Narrativa da experiência

3.1. Enquadramento

As escolas, enquanto instituições fundamentais da nossa sociedade, têm de pugnar pelo reconhecimento de especificidade de cada indivíduo, numa perspectiva inclusiva, levando em linha de conta que cada pessoa é portadora de uma cultura. A aceitação da multiculturalidade, enquanto coexistência de diversas culturas é, num certo sentido, “o culminar da ideia democrática, como reconhecimento da pluralidade dos interesses, das opiniões e dos valores” (Touraine, 1998, p. 263). A escola democrática e inclusiva é, necessariamente, uma escola social e culturalmente heterogénea, apostada na promoção de uma dimensão dialógica, que favoreça a compreensão da alteridade, tendo em conta as suas especificidades culturais.

A conceção do recurso pedagógico Reflexo – Ferramenta pedagógica para uma nova relação entre a escola e as comunidades ciganas assenta numa conceção de democracia forte, que se opõe a uma democracia minimalista e débil, orientada para a salvaguarda dos interesses individuais e privados, traduzindo-se na capacitação das pessoas para uma participação ativa e direta nas decisões que afetam as suas vidas. Esta implicação dos indivíduos e dos grupos, quer na defesa dos seus direitos e deveres quer na prossecução do interesse público, exige uma aquisição de poder e a assunção enquanto cidadãos e cidadãs do controlo democrático sobre os vários aspetos da sua existência (Kesson, 2015).

As sociedades democráticas confrontam-se hoje, numa dimensão sem precedentes, com o desafio de criar condições para o reconhecimento das minorias étnicas, culturais e sociais. Em Portugal, este problema tem sido vivenciado, em particular, com as pessoas ciganas, estando, inclusive, em cur-

so, uma Estratégia Nacional para a integração das Comunidades Ciganas (2018–2022). Em sociedades que incluem culturas diversas é, pois, fundamental a promoção do diálogo intercultural, cujo princípio fundamental é o respeito pelos interlocutores. Sem respeito, como nos recorda o Conselho da Europa (2018), “o diálogo perde as suas características chave enquanto livre troca de perspetivas, através da qual, apesar dos indivíduos terem afiliações culturais diferentes uns dos outros, podem adquirir uma compreensão das perspetivas, interesses e necessidades dos outros” (p. 24). O respeito traduz, ainda, o reconhecimento pela dignidade de cada pessoa e consequente direito a fazer as suas escolhas e defendê-las.

A escola deve ser perspectivada como o centro de uma comunidade, ou seja, como um lugar privilegiado a partir do qual é possível estabelecer relações entre as crianças, a família e outros contextos da comunidade (Smith, Boutte, Zigler, & Finn-Stevenson, 2004). Assim, a integração do diálogo intercultural nas escolas tem de passar pelo acolhimento da diversidade cultural e, simultaneamente, pela promoção de atividades que possibilitem o reconhecimento e o respeito por culturas diferentes. Fruto deste diálogo, almeja-se uma reorganização das culturas de base, mediante uma síntese a ser feita por cada aluno e aluna no âmbito da formação e afirmação da sua personalidade individual.

O recurso que apresentamos nas páginas que se seguem contém um conjunto de atividades pedagógicas a serem implementadas nas várias áreas curriculares, nas quais são dadas a conhecer características da cultura cigana. A inclusão destas atividades, destinadas a alunos e alunas de etnia cigana e não cigana tem como objetivo promover uma maior integração dos primeiros, levando-os a sentirem-se

valorizados pela visibilidade dada à sua cultura em ambiente escolar, mas também combater atitudes de discriminação por parte dos alunos e alunas da sociedade majoritária, desconstruindo preconceitos.

A investigação indica-nos, de forma consistente, que a percepção de discriminação por parte de crianças e jovens compromete a integração no ambiente escolar (e.g., Bradshaw, Jay, McNamara, Stevenson, & Muldoon, 2016), assim como o desempenho académico (e.g., Major & O'Brien, 2005). A escola deve, por isso, ter um papel central na promoção do estabelecimento de pontes entre a cultura familiar e a cultura escolar (Smith et al., 2004). Na perspetiva do presente projeto, essa aproximação e articulação poderá passar pelo envolvimento dos professores e professoras na criação e implementação de atividades pedagógicas que constituam experiências de ensino-aprendizagem significativas em diferentes disciplinas, e que, de forma integrada, contribuam para a construção de crenças e atitudes contraditórias aos estereótipos sociais que discriminam negativamente as crianças de minorias étnicas.

Numa sociedade democrática, onde convivem culturas dominantes e minoritárias, cabe muito particularmente à educação escolar, a formação da competência intercultural dos e das estudantes. Esta corresponde “a um conjunto de atitudes, capacidades, conhecimento e comportamentos requeridos para uma apropriada e efetiva interação e comunicação com pessoas que são percebidas como pertencentes a um background diferente do nosso” (Barret, 2011, p.23). O recurso pedagógico Reflexo centra-se sobretudo na dimensão do conhecimento, propondo atividades que permitem o acesso ao sistema cultural e aos valores das comunidades ciganas, no sentido de favorecer a interação entre os indivíduos

ciganos e não ciganos. A longo prazo, o que se pretende é que com este conhecimento os alunos e as alunas adquiram e desenvolvam uma competência intercultural, traduzida numa maior autorreflexividade e em interações mais responsáveis e solidárias e, ainda, numa maior capacidade de cooperar com os outros diferentes (Milani, 2018).

A aquisição desta competência não pode ser feita apenas no âmbito de experiências de aprendizagem formais, implicando uma abordagem mais compreensiva, envolvendo a cultura da escola e a comunidade mais abrangente. Acreditamos, contudo, que a aplicação destas propostas é um ponto de partida valioso para uma escola mais inclusiva e intercultural, onde as diferenças não sejam vistas como desvantagens, mas sim como oportunidades de reflexão, crescimento e formação de um sentido de comunidade mais amplo.

3.2. O processo de conceção

Foi com base nos pressupostos apresentados atrás que decidimos criar o Reflexo - Ferramenta pedagógica para uma nova relação entre a escola e as comunidades ciganas.

Para tal, foi apresentada uma candidatura ao FAPE - Fundo de Apoio à Estratégia Nacional para a Integração das Comunidades Ciganas (ENICC) promovido pelo Alto Comissariado para as Migrações I.P.

A sua aprovação permitiu dar continuidade ao trabalho iniciado aquando da candidatura que incidiu essencialmente na auscultação de vários atores-chave onde se incluíam pessoas adultas ciganas, crianças ciganas e não ciganas e ainda docentes procurando-se fazer um diagnóstico inicial.

Importa salientar que este recurso foi concebido de forma participada pelas crianças e jovens ciganos/as e pelos seus pais e mães, por crianças da sociedade maioritária, por docentes do ensino básico e secundário com experiência no trabalho com este tipo de público e, claro, por uma equipa técnica qualificada em áreas como a antropologia, a psicologia, as ciências da educação e a comunicação. Para além disso, quisemos ainda contar com o apoio de Bruno Gonçalves, ativista que tem impulsionado a entrada de jovens ciganas e ciganos no ensino superior. A sua revisão e comentários às fichas de trabalho das várias disciplinas foram essenciais e tornaram-nas mais ricas e inclusivas.

O contexto geográfico

O Tortosendo é uma vila do concelho da Covilhã com cerca de 6000 habitantes. A comunidade cigana aí residente é a maior do concelho e perde-se na história a sua chegada a este território. A escolha do Tortosendo pareceu-nos óbvia não apenas pela representatividade desta comunidade, mas também porque a CooLabora desenvolve já desde 2010 trabalho direto com a mesma.

A conceção das fichas de trabalho

A ideia de fazer fichas com base nos conteúdos curriculares das disciplinas surgiu já após a aprovação do projeto, pois inicialmente o objetivo era conceber dinâmicas de grupo que pudessem ser úteis na prevenção e combate da discriminação das crianças ciganas por parte das crianças da sociedade maioritária. Mas na primeira reunião de parceria, que incluía três professoras do ensino básico e secundário, ficou claro que seria muito importante criar este tipo de recurso. Foi então necessário fazer uma articulação com docentes da Escola Básica do Tortosendo que

nos indicaram os conteúdos programáticos que podiam ser explorados abordando a história e cultura ciganas, que identificaram os objetivos pedagógicos e deram algumas sugestões de exercícios e atividades. Coube depois à equipa do projeto, e já com esta informação, conceber essas propostas pedagógicas. O trabalho só ficou terminado quando a Escola validou os conteúdos das fichas, assegurando que eles iam ao encontro das sugestões recolhidas no início do projeto junto das professoras e professores das diferentes áreas disciplinares.

A conceção das propostas pedagógicas foi a parte mais longa e mais desafiante do projeto pois implicou muitas pesquisas e muitas conversas com a comunidade cigana do Tortosendo bem como a testagem dos materiais criados junto de turmas de 5º e 6º ano.

A testagem em sala de aula

Foram realizadas 9 sessões com turmas de 5º e 6º ano que serviram para testar a adaptabilidade aos currículos e às idades em causa. No entanto, estas sessões acabaram por ser uma prova de que estes conteúdos interessam a crianças ciganas e não ciganas e que a exploração da temática as mantém interessadas e motivadas. Serviram também para perceber que há um grande desconhecimento sobre esta comunidade com quem todas as crianças, professoras e professores convivem desde sempre.

De destacar que neste processo de testagem foi possível introduzir algumas melhorias graças aos contributos das crianças envolvidas e também das professoras e professores que assistiam às sessões.

As reuniões com a comunidade cigana

Estas reuniões que ocorreram ao longo de todo o projeto tinham como objetivo conhecer e recolher

histórias e informações que pudessem ser usadas no recurso que estávamos a criar. Serviram também para manter as pessoas informadas sobre o trabalho que estava em curso e para as sensibilizar para a importância da escola. Foi notório o crescimento do interesse pelo recurso e o orgulho sentido por a sua história e cultura merecerem destaque nos conteúdos abordados na escola. Pensamos que é também de destacar que as três pessoas representantes da comunidade cigana no projeto responsabilizaram-se sempre por organizar estas reuniões, cabendo apenas à equipa técnica a sua dinamização.

Refira-se que algumas das histórias, principalmente as do passado menos recente, impressionaram a equipa técnica do projeto por nos reportarem a extrema pobreza e a discriminação de um povo que ironicamente, sendo nómada por força das circunstâncias, se sentia muitas vezes encurralado por não lhe ser permitido ir para lugar algum.

As reuniões da parceria

Estas reuniões serviram para refletir sobre as problemáticas que nos levaram a criar esta parceria, mas também para trabalhar a estrutura e os conteúdos do recurso pedagógico e para programar a sua apresentação pública e a sua disseminação pelo país. Nelas estiveram sempre presentes representantes da comunidade cigana que deram contributos e informações muito relevantes. Além disso, permitiram aumentar ainda mais a abrangência do olhar sobre a mesma problemática, pois vieram juntar o seu ao da organização não-governamental que coordenava o projeto, ao da academia e da autarquia e ainda ao da escola. Pensamos que as reflexões feitas com estas diferentes perspetivas constituíram-se como momentos de aprendizagem coletiva que enriqueceram o trabalho feito e a própria parceria.

Eis alguns testemunhos das pessoas diretamente envolvidas neste projeto.

As crianças ciganas e não ciganas de 5º e 6º anos que nos ajudaram a testar as atividades criadas para o Reflexo deixaram-nos a certeza que estamos a fazer um trabalho basilar. Incluir a cultura e a história das comunidades ciganas nos programas curriculares parece-nos essencial numa escola efetivamente inclusiva que prepara cidadãos e cidadãs para uma sociedade complexa e multicultural.

Coolabora

Este livro vai permitir que crianças ciganas e não ciganas interajam dentro da escola como já fazem, mas neste caso com uma perspetiva diferente já que esta interação se vai basear em conteúdos sobre a cultura e a história do nosso povo. Pensamos que só pode fazer bem a umas e a outras. Às crianças ciganas porque as vai cativar para gostarem mais da escola e às não ciganas porque as vai ajudar a compreender melhor o nosso povo que só conhecem através do preconceito.

Celeste Salgueiro, representante da comunidade cigana do Tortosendo

Manuel Prudêncio, representante da comunidade cigana do Tortosendo

Mário Cardoso, representante da comunidade cigana do Tortosendo e

Pastor da Igreja Evangélica

A construção do recurso pedagógico Reflexo obrigou-me a refletir sobre a minha prática pedagógica diária, no que à interação com jovens e crianças diz respeito. Pensar sobre o contexto social e familiar de alunos e alunas é condição essencial para estabelecer empatia dentro da sala de aula, promover relações humanas mais saudáveis e baseadas no respeito mútuo. Admitir o Outro como parte de nós ajuda a construir uma escola mais igualitária e uma sociedade mais justa.

Maria Teresa Nobre Correia, professora e voluntária

“Somos tod@s prim@s.” Esta expressão guiou a minha participação neste Reflexo, projeto dedicado à integração das Comunidades Ciganas em contexto escolar. A partir dela, reforcei a convicção de que a comunicação, a minha área de especialização, deve ser consolidada enquanto instrumento de combate à discriminação e à xenofobia, das quais estas comunidades continuam a ser vítima.

Sónia de Sá, voluntária

O Reflexo conduziu-nos, enquanto docentes e investigadoras, à reflexão em torno da questão da valorização das diferenças culturais e da promoção de uma cultura de não discriminação no contexto escolar. Esse caminho foi refletindo a experiência de uma equipa plural onde as diferenças foram sempre valorizadas. Acreditamos que esta ferramenta terá reflexos positivos, quer na comunidade cigana quer não cigana, que gostaríamos que se multiplicassem pelas famílias e escolas do país.

Marta Alves e Maria Luísa Branco, Universidade da Beira Interior

Foi muito positivo para a Escola Básica do Tortosendo colaborar ativamente na construção deste valioso recurso pedagógico. Pudemos testemunhar, numa sessão dinamizada numa aula de Cidadania, em que foi testada uma das fichas de trabalho, o entusiasmo das crianças ciganas e não ciganas ao participarem nas atividades propostas e isso deixou-nos com muita vontade de utilizar o Reflexo nas nossas práticas educativas.

Sílvia Melchior, professora do Agrupamento de Escolas Frei Heitor Pinto

Vivemos num mundo global onde nos cruzamos com múltiplas culturas. No olhar que trocamos, há um Reflexo que nos transporta para a necessidade de um mundo sem preconceitos. Felizmente há projetos que são o Reflexo deste novo olhar! O projeto REFLEXO é isso mesmo: sentir, desmistificar, compreender e entrar

no mundo das comunidades ciganas, que afinal nascem no nosso mundo, vivem no nosso mundo. Que no final possamos todos olhar e ver o Reflexo de um mundo mais justo!

David Silva, Junta de Freguesia de Tortosendo

Este projeto permitiu refletir sobre a invisibilidade da exclusão e dos preconceitos que acompanham as pessoas ciganas ao longo de gerações, bem como desbravou caminhos que podem vir a facilitar a sua integração. Através do trabalho com crianças e jovens, pretende-se desmistificar preconceitos em relação às comunidades ciganas, compreender as causas das suas dificuldades de integração e destacar os contornos da sua integração no contexto sociocultural dos seus territórios, fatores essenciais para combater discriminações.

Câmara Municipal da Covilhã

4. Propostas pedagógicas para uma escola inclusiva das crianças e jovens das comunidades ciganas
– 2º ciclo

Português

6º ano

**Aprendizagens Essenciais
(07/2018)**

Analisar o modo como os temas, as experiências e os valores são representados.

Educação literária

Valorizar a diversidade de culturas, de vivências e de mundos presentes nos textos.

Expressar reações aos livros lidos e partilhar leituras através de declamações, representações teatrais, escrita criativa, apresentações orais.

Escrita

Produzir textos de opinião com juízos de valor sobre situações vividas e sobre leituras feitas.

Objetivos de educação para a cidadania

Manifestar interesse pelas diferentes manifestações culturais da comunidade

Conhecer e aceitar os diferentes modos de vida coexistentes na sociedade

Contribuir para a inserção das crianças ciganas no meio escolar

Objetivos curriculares

Produzir textos com objetivos críticos, pessoais e criativos
Adquirir e desenvolver estratégias de escuta ativa com vista a reter informação essencial, a desenvolver a compreensão, e a produzir enunciados orais em contextos específicos

Usar fluentemente a língua, mobilizando diversos recursos verbais e não-verbais, e utilizando de forma oportuna recursos tecnológicos

Desenvolver e consolidar a capacidade de leitura de textos escritos, de diferentes géneros e com diferentes temas e intencionalidades comunicativas

Conteúdos a explorar

Compreensão e interpretação de texto

Produção de texto

Leitura e audição

Produção expressiva

Atividades Didáticas

Leitura e exploração de textos

Produção de textos variados

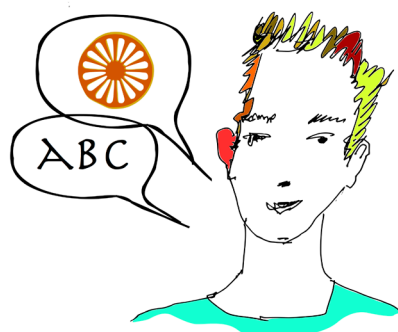
1. Leitura expressiva e/ou dramatizada de um excerto de Os Ciganos de Sophia de Mello Breyner Andresen e Pedro Sousa Tavares. O excerto deverá ser aquele cuja autoria é atribuída a Sophia de Mello Breyner (pp. 15-24, ed. da Porto Editora, outubro 2012).

2. Regista os vocábulos que não conheces e, posteriormente, procura o seu significado no dicionário (digital ou papel). Após isso, deves partilhar com a turma o vocabulário aprendido.

Vocábulo	Significado
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____

3. Identifica a personagem principal da história.

3.1. Atribui-lhe três traços de carácter, justificando com passagens do texto.



4. Justifica a infelicidade do rapaz.

5. Identifica o momento de viragem da história e o que o motivou.

6. Estabelece o contraste entre os dois espaços onde decorre a ação, a casa e o acampamento, descrevendo cada um deles.

7. Identifica o motivo do fascínio de Ruy quando espreitou "o rapaz e a rapariga do arame" (p. 22).

8. Explicita a simbologia da voz que Ruy julga ouvir e que lhe diz para fugir (p. 24).

9. "Mas Ruy seguiu os ciganos."

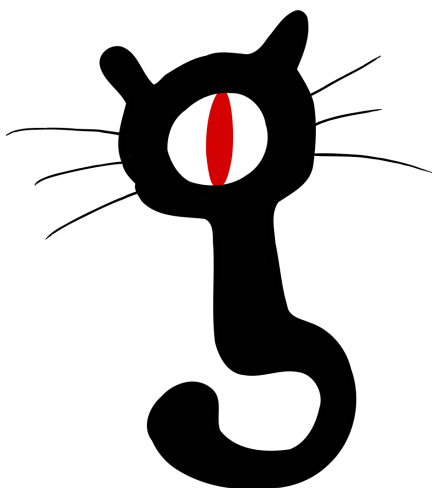
9.1. Dá a tua opinião sobre o que levou Ruy a tomar tal decisão.

10. Em trabalho de grupo ou pares, discute as diversas possibilidades para o que terá acontecido com Ruy. As conclusões devem ser registadas e partilhadas com a turma.

Após a leitura da obra, que deves requisitar na biblioteca da tua escola, responde às questões.

1. Compara o modo de vida da família de Gela com o modo de vida das pessoas ciganas, na atualidade.

2. Explora a simbologia do sapo e do gato preto, no campo das superstições.



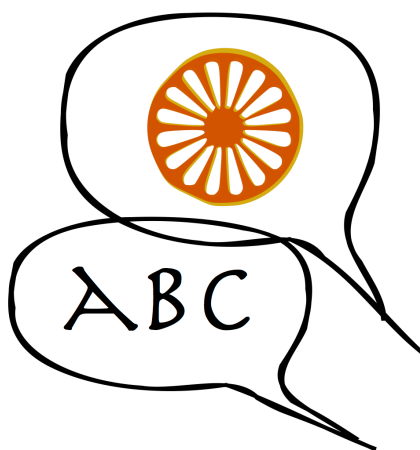
3. Identifica as personagens que vão surgindo na narrativa, procedendo à sua caracterização física e psicológica.

4. Faz o levantamento das tradições do povo cigano que vão sendo abordadas ao longo da obra e pesquisa sobre a sua atualidade.

5. O que podes concluir sobre o modo como as pessoas ciganas tratam o Ruy?

6. Expõe a troca de experiências e conhecimentos que se realiza entre Ruy e Gela.

7. Dá a tua opinião sobre o final do conto e compara-o com as respostas à pergunta 8 da atividade 1.



1. Realiza uma das seguintes atividades de escrita (120 a 150 palavras):

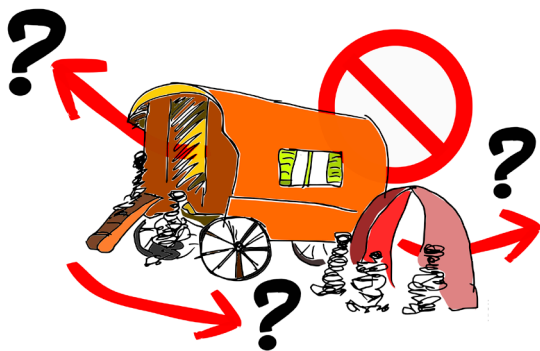
Imagina que és o Ruy e que queres continuar a comunicar com Gela. Escreve-lhe uma carta onde fales sobre a importância dos dias que passaste com ela e com a família, e o que aprendeste em relação ao seu povo.

OU

Imagina que és o Ruy e que regressas a tua casa após esta grande aventura. Que lição retiras de tudo o que te aconteceu?



Lê o texto.



Partir a loiça toda

Havia na Covilhã um polícia muito mau a quem chamavam o 35. Isto foi há muitos anos, mas ainda hoje se fala disso. Ele perseguia os ciganos e não lhes dava descanso.

Um dia, estava um grupo acampado, era hora de almoço e havia várias panelas ao lume e as mulheres à volta delas. O

polícia chegou e começou aos pontapés às panelas atirando com tudo pelo ar e partindo a loiça. E enquanto fazia isso gritava com as pessoas e dizia que tinham que sair dali.

Eram tempos difíceis porque não deixavam as comunidades ciganas acampar em lado nenhum e como não tinham dinheiro para terem casa eram obrigadas a mudar constantemente de lugar.

História recolhida junto da comunidade cigana do Tortosendo

1. Estabelece uma comparação entre a visão transmitida pelo texto de Sophia de Mello Breyner sobre o nomadismo da população cigana e a realidade expressa na história que acabaste de ler.

Matemática

6º ano

Aprendizagens Essenciais (07/2018)

Números e operações	<p>Reconhecer relações numéricas e propriedades dos números e das operações, e utilizá-las em diferentes contextos, analisando o efeito das operações sobre os números.</p> <p>Conceber e aplicar estratégias na resolução de problemas em contextos matemáticos e não matemáticos e avaliar a plausibilidade dos resultados.</p> <p>Desenvolver persistência, autonomia e à-vontade em lidar com situações que envolvam a Matemática no seu percurso escolar e na vida em sociedade.</p>
Objetivos de educação para a cidadania	<p>Despertar interesse para o que se passa na comunidade local</p> <p>Desenvolver atitudes positivas perante universos culturais e sociais diferentes</p> <p>Estabelecer relações empáticas com pessoas de culturas diferentes</p>
Objetivos curriculares	<p>Determinar a relação entre duas grandezas/quantidades comparáveis</p>
Conteúdos a explorar	<p>Razão e proporcionalidade direta</p> <p>Noção de grandezas diretamente proporcionais e de constante de proporcionalidade direta</p> <p>Proporções e regra de três simples</p>
Atividades Didáticas	<p>Resolução de uma ficha de trabalho</p>

1. Como sabes, há muitas pessoas ciganas que se dedicam ao comércio de vestuário. Isso tem a ver com uma tradição, mas também com a dificuldade em encontrarem outro tipo de trabalho.

A seguir, vamos propor-te que te imagines neste papel e que faças os seguintes exercícios:



1.1. Se venderes um par de meias a 1,5 euros, por quanto vendes:

2 pares de meias _____

5 pares de meias _____

10 pares de meias _____

2. O Saúl vai todos os dias a pé para a escola. Percorre 1000 metros em 20 minutos.

2.1. Se caminhar sem atrasos, quanto tempo demora o Saúl a percorrer 300 metros?

2.2. Nos dias em que o pai consegue ir buscá-lo de carro à escola, porque não tem mercado de tarde, o Saúl consegue fazer o mesmo percurso de 1000 metros em 5 minutos.



2.2.1. Quanto tempo achas que demora o Saúl a fazer 300 metros?

3. A irmã do Saúl, a Leonor, é boa aluna a matemática e, por isso, o pai pede-lhe ajuda em algumas tarefas. Desta vez, vai ajudá-lo a calcular a percentagem de lucro em todas as peças de vestuário que tem para vender.

3.1. Completa a tabela com o valor que o pai da Leonor ganha em cada peça.

Artigo	Preço €	Lucro %	Valor monetário
Meias	1,5	9	_____
Calças de ganga	15	12	_____
T-shirt	5	12	_____
Pijama	10	15	_____
Vestido	8	20	_____

3.2. Se num dia de feira o pai da Leonor e do Saúl vender 8 pares de meias, 5 pares de calças de ganga, 6 t-shirts, 2 pijamas e 3 vestidos, que lucro tem?



História e Geografia de Portugal

6º ano

Aprendizagens Essenciais (07/2018)

Portugal hoje Analisar a distribuição de diferentes fenómenos relacionados com a população e utilizando diferentes formas de representação cartográfica (em suporte físico ou digital)
Comparar a distribuição de diferentes fenómenos demográficos/indicadores demográficos à escala nacional, estabelecendo relações de causalidade e ou de interdependência
Explicar a ação de fatores naturais e humanos na distribuição da população e do povoamento no território nacional (áreas atrativas e áreas repulsivas)
Identificar ações a empreender de formas a solucionar ou mitigar alguns problemas sociais

Objetivos de educação para a cidadania Desenvolver atitudes positivas perante universos culturais e sociais diferentes
Estabelecer relações empáticas com pessoas de culturas diferentes

Objetivos curriculares Compreender as características da população rural e urbana e os seus modos de vida

Conteúdos a explorar A população portuguesa
Os lugares onde vivemos

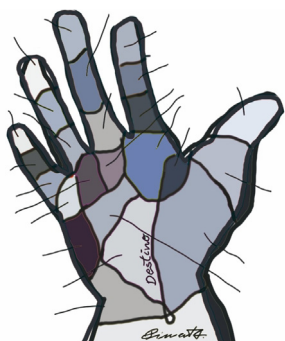
Atividades Didáticas Ficha de trabalho
Ilustração
Discussão

Ficha de trabalho

Pré-leitura

Os ciganos são portugueses? Justifica a tua resposta.

1. Lê atentamente os textos e responde às perguntas.



Texto 1

Oriundos do norte da Índia, chegaram a Portugal na primeira metade do século XV. A designação de ciganos (gipsies em inglês e gitanos em castelhano) resulta do equívoco de que este povo teria vindo do Egito.

Entraram em Portugal pela fronteira da Extremadura espanhola e fixaram-se no Alentejo, um território aparentemente adaptado ao seu modo de vida que exigia lugares despovoados e matagais onde pudessem esconder-se das perseguições de que eram alvo.

Trouxeram com eles as atividades com que se ocupavam até há bem pouco tempo: comércio de cavalos, quiromancia e cartomancia.

A sua vida não era fácil devido à pobreza e às constantes perseguições por parte das populações e até de documentos régios.

Cf. Coelho, Adolfo, Os Ciganos de Portugal, Col. Portugal de Perto, Lisboa, D. Quixote, 1995, págs. 158 a 161.

Texto 2

Lenda sobre a dispersão dos ciganos pelo mundo

Há muito, muito tempo, um cigano viajava com a família na sua carroça.

O seu cavalo era fraco e muito velho. À medida que a família ia crescendo, era mais difícil para o cavalo puxar a carroça, pois esta ficou tão cheia de crianças, que o pobre cavalo apenas podia avançar aos trambolhões num caminho cheio de obstáculos.



À medida que a carroça dava tombos, inclinando-se primeiro para a esquerda e logo para a direita, as caçarolas e sertãs caíam, e de vez em quando algumas das crianças ciganas também saltavam para fora da carroça.

De dia tudo corria bem, podia-se recolher os meninos, as caçarolas e as sertãs e colocá-los de novo na carroça. O pior era

de noite, com tão pouca luz, quando não se via nada!

Em qualquer caso, quem podia dar conta de uma família tão grande!?

O cavalo, mesmo fraco e sobrecarregado seguia o caminho.

O cigano viajou por todo o mundo, e onde ia, sem se aperceber deixava um menino ou menina.

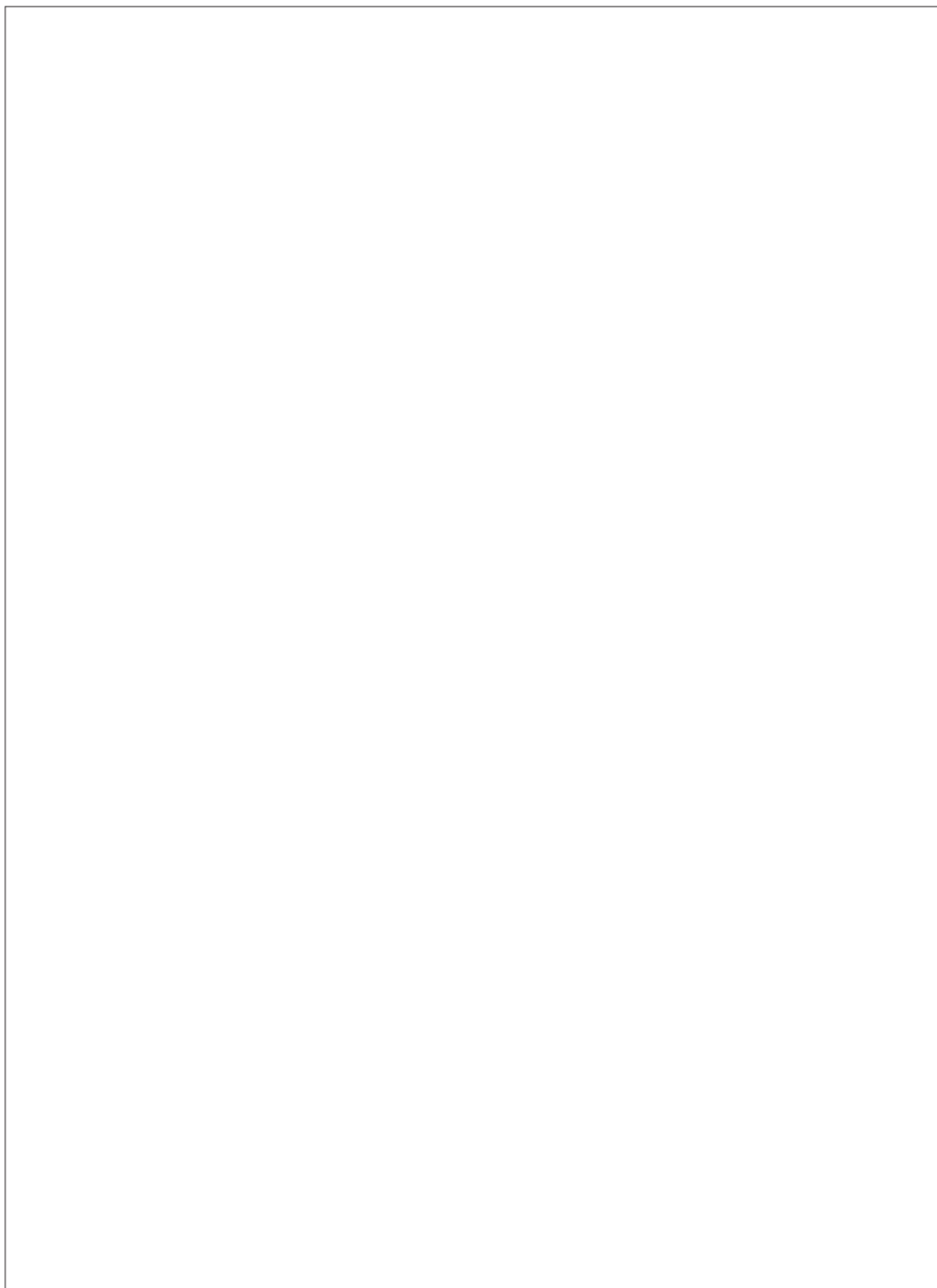
E segundo reza a lenda, foi assim que os ciganos se dispersaram por toda a terra!

Bruno Gonçalves, adaptação de um conto/lenda tradicional cigano

1.1. A designação Ciganos resulta de um engano. Explica-o por palavras tuas.

1.2. Aponta as razões para a fixação das comunidades ciganas no Alentejo na época da sua entrada em Portugal.

1.3. Faz um desenho que ilustre o conto sobre a dispersão das pessoas ciganas pelo mundo.



2. Atenta na seguinte tabela sobre leis, regulamentos e decisões administrativas portuguesas aplicadas ao povo cigano.

	Data	Penas
D. João III	1526 Alvará de 13 de março	"que não entrem ciganos no reino e que saiam os que nele estiverem"
	1538 Lei XXIV	"sejam presos e publicamente açoitados com baraço e pregão" "à (2ª vez) outra vez açoitado publicamente e perderá todo o móvel que tiver"
D. Sebastião	1573 Alvará de 14 de março	Novo prazo de 30 dias para que saiam; senão, açoites às mulheres e galés aos homens; declara caducas as licenças de permanência anteriormente concedidas
Cardeal D. Henrique	1579 Alvará de 11 de abril	(...) os nómadas "que saiam do Reino dentro de 30 dias" ou sejam "açoitados publicamente e degredados para sempre para as galés".
D. Filipe I	1592 Lei de 28 de agosto	Prazo de 4 meses: se andassem em grupo executar com pena de morte "sem apelação nem agravo".
D. Filipe II	1603 Ordenações Filipinas	"que não entrem no Reino Ciganos, Arménios, Arábios, Persas nem Mouriscos de Granada"
	1606 e 1608 (Alvarás)	"não sejam passadas cartas de vizinhança"
	1613 e 1614 (Leis)	Condena às galés por 3, 6 ou 10 anos; exclui pena de morte.

	Data	Penas
D. João IV	1647 Alvará de 24 de outubro	"proíbe usar trajes de ciganos e ler a sina (penas: galés para os homens; degredo em Angola ou Cabo Verde sem os filhos para as mulheres). "os juízes não permitirão que os ciganos criem os seus filhos ou filhas passados os 9 anos de idade, e sendo capazes de servir os porão a soldada na forma como se usa para os órfãos"
	1649 Alvará de 5 de fevereiro	"extinguir este nome e modo de gente de vida vadia de ciganos", "seriam embarcados e levados para servirem de conquististas, divididos"
D. Pedro II	1686 Resolução de 10 de junho	"vindos de Castela sejam exterminados"; "filhos e netos de portugueses tenham domicílio certo" ou serão "enviados para o Maranhão" (Brasil)
	1694 Provisão ao Corregedor da Comarca de Elva	"todos os ciganos nascidos neste reino que não tomarem géneros de vida de que possam sustentar-se, que dentro de 2 meses saiam deste reino, com pena de morte (...)"
D. João V	1708 Decreto	Proíbe o nomadismo, o traje, a língua, negócios de bestas e outras imposturas (ler a sina) sob pena de açoites e degredo por 10 anos (galés para os homens e Brasil para as mulheres).
	1745 Lei de 17 de julho	Nova lei de expulsão dos ciganos devido "ao descuido que tem havido" na execução das anteriores.
D. José I	1754 Carta do Governador de Angola, Álvares da Cunha	Pede que lhes enviem muitos ciganos com as suas mulheres porque são os que melhor resistem ao clima e não tinham provado mal nos seus procedimentos.
	1756 Aviso de 15 de maio	Condenados a servirem nas obras públicas de reconstrução de Lisboa.

	Data	Penas
D. Maria I	1800 Ordem de Pina Manique para o Corregedor de Elvas	"prendam os que andam vagos pelo reino, (...) os filhos de um e outro sexo sejam transportados para a Casa Pia de Lisboa e instruídos"
D. Maria II	1848	Exige aos ciganos o uso de passaporte para poderem transitar pelo reino.
1ª República	1920 Regulamento da GNR	Capítulo sobre os ciganos prescreve uma "severa vigilância" dados os "seus frequentes actos de pilhagem".
2ª República	1980 Conselho da Revolução	Declara inconstitucionais as normas anteriores.
	1985 Regulamento da GNR	Determina uma especial vigilância sobre os "nómadas" (artigo 81º).
	1989 Acórdão de 28 de junho	O Tribunal Constitucional considera não-inconstitucional o artigo 81º do Regulamento da GNR atrás mencionado.
	1993 (10 de maio)	A Câmara Municipal de Ponte de Lima ordena "aos indivíduos de etnia cigana que abandonassem o concelho no prazo de 8 dias e que de futuro apenas permanecessem 48 horas".
	2003 Edital Público de julho	A Câmara Municipal de Faro decidiu que "não serão aceites no concelho ou que o terão de abandonar", as populações nómadas, particularmente os ciganos que praticarem roubos ou desacatos.

Fonte: Sequeira, Mónica, *Exclusão sócio-espacial dos ciganos de Tomar, IGOT, 2014, apud Bastos, 2007.*



2.1. Identifica a pena que te parece mais pesada e justifica a tua escolha.

2.2. Classifica as afirmações de verdadeiras (V) ou falsas (F).

- A primeira lei que é conhecida sobre este povo ordena a expulsão dos ciganos do reino.
- Durante a época medieval as pessoas ciganas foram várias vezes utilizadas como mão-de-obra forçada para as galés.
- O nomadismo era bem aceite.
- D. João IV ordenou que os filhos e as filhas com mais de 12 anos fossem retirados aos seus pais.
- A pessoas ciganas foram enviadas para as colónias por apresentarem características de resistência física adequadas aos diferentes climas.

2.2.1. Corrige as afirmações falsas que acabaste de ler.



2.3. Justifica a veracidade das afirmações seguintes com os decretos/leis correspondentes.

a) Em vários momentos da História de Portugal a expulsão das pessoas ciganas foi ordenada por decreto.

b) A cultura e as tradições do povo cigano eram objeto de legislação proibitiva.

c) A força de trabalho dos ciganos e das ciganas foi usada em vários momentos da História de Portugal.

d) As pessoas ciganas não podiam circular livremente dentro do próprio país.



e) Podemos afirmar que o povo cigano foi/é nómada por estilo de vida.

f) A democracia conquistada com o 25 de Abril não foi suficiente para libertar as comunidades ciganas de discriminação.

3. Observa o mapa e responde às questões.

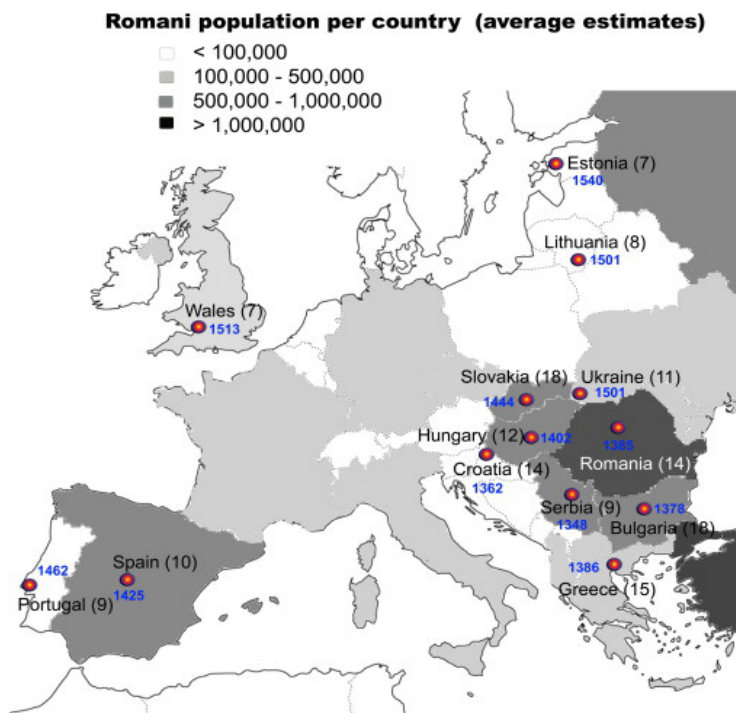


Figura 1: População cigana por país (média estimada em 2009)

Legenda: Os tons a cinzento representam a população cigana existente em cada país de acordo com o Conselho da Europa. As datas (a azul) indicam as datas aproximadas da chegada dos ciganos e ciganas a cada país.

Fonte: Current Biology (Revista on line) [https://www.cell.com/current-biology/fulltext/S0960-9822\(12\)01260-2](https://www.cell.com/current-biology/fulltext/S0960-9822(12)01260-2)

3.1. Identifica os países europeus com maior e menor população cigana.

3.2. Em que ano chegaram a Portugal os primeiros grupos de pessoas ciganas?

3.3. Como explicas a chegada mais tardia a Portugal relativamente a países como a Bulgária ou a Sérvia?

Ciências Naturais

6º ano

Aprendizagens Essenciais (07/2018)

Processos vitais comuns aos seres vivos	Elaborar algumas ementas equilibradas e discutir os riscos e os benefícios dos alimentos para a saúde humana
Objetivos de educação para a cidadania	Despertar interesse para o que se passa na comunidade local Desenvolver atitudes positivas perante universos culturais e sociais diferentes Estabelecer relações empáticas com pessoas de culturas diferentes
Objetivos curriculares	Promover a integração na comunidade, no sentido da procura da qualidade de vida e da defesa do consumidor Contribuir para uma tomada de consciência da responsabilidade individual a nível da saúde, como bem comum Compreender a importância de uma alimentação equilibrada e segura
Conteúdos a explorar	Trocas nutricionais entre o organismo e o meio: nos animais
Atividades Didáticas	Reflexão sobre dieta alimentar e saúde

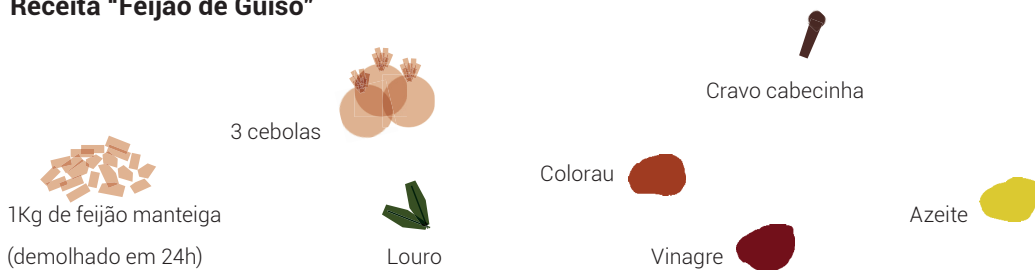
1. Lê com atenção a ementa e a respetiva receita.

Ementa de Natal

Dia 24 de Dezembro:
Bacalhau frito com
feijão (guisos), filhoses
(pestins).

Dia 25 de Dezembro:
Grão com massa e peru
assado.

Receita "Feijão de Guiso"



O feijão é cozido com uma cebola onde são cravados os cravos cabecinha, com azeite e sal, durante 3 horas em lume brando.

À parte, faz-se um refogado com azeite, cebola, louro, colorau e vinagre.

Quando o feijão estiver cozido, junta-se o refogado envolvendo-o e está pronto! É acompanhado com bacalhau frito. Este é passado por farinha e ovo. Depois de frito, coloca-se numa travessa forrada com folhas de alface, enfeita-se o prato com rabanetes, azeitonas, rodela de limão e laranja e salsa.

Fonte: AMUCIP, Kit Pedagógico Romano Atmo

1.1. Pesquisa receitas de Natal provenientes de outras culturas e compara os ingredientes que as constituem, registando as diferenças e semelhanças entre elas, bem como as razões que as sustentam.

1.2. Pesquisa os principais nutrientes que constituem os alimentos referidos.

1.3. Com base nas respostas anteriores, coloca os alimentos na pirâmide alimentar mediterrânica.

2. Dá a tua opinião sobre esta ementa, justificando.

2.1. Indica quatro bebidas diferentes e adequadas para acompanhar a refeição. Justifica a tua escolha.

3. Lê a frase e observa a pirâmide alimentar:

"O estado de saúde da população cigana da União Europeia é pior do que o das populações gerais dos países em que se inserem. Nos ciganos são frequentes as afeções respiratórias, ósseas, digestivas, reumáticas e cardíacas, em relação com as condições ambientais e residenciais e o muito importante consumo de tabaco."

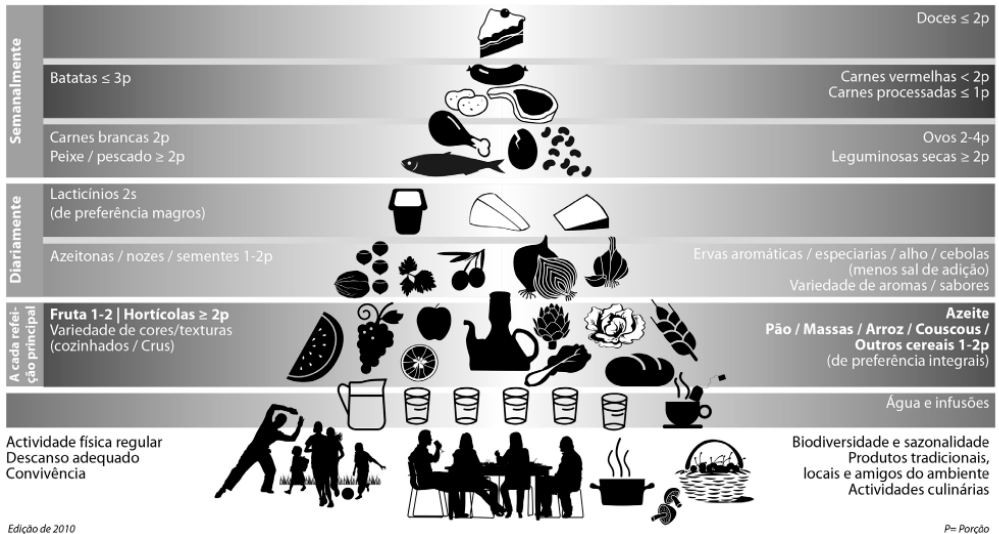
Ferreira da Silva, Luísa, Saúde / Doença é questão de cultura - Atitudes e comportamentos de saúde materna das mulheres ciganas em Portugal, Coleção Olhares, nº 2, Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas, 2005, pp. 22 e 23.

A Pirâmide da Dieta Mediterrânea: um estilo de vida para os dias de hoje
 Recomendações para a população adulta

Porções de alimentos baseadas na frugalidade e nos hábitos locais



Vinho em moderação e de acordo com as crenças sociais



Fonte: <http://actaportuguesadenutricao.pt/wp-content/uploads/2018/01/n11a02.pdf>

3.1. Que comportamentos ou hábitos poderiam contribuir para uma vida mais saudável da população cigana?

4. Lê os excertos abaixo transcritos.

Texto 1

“Vários estudos têm mostrado, por exemplo, que o tipo de alimentação das famílias com poucos recursos é, grosso modo, menos saudável do que o das famílias com recursos mais elevados, na medida em que se verifica menor consumo de vegetais, frutos e peixe fresco, e maior consumo de gorduras e de alimentos que ‘enchem’, como batatas, pão branco, biscoitos e bolos.”

Ferreira da Silva, Luísa, Atitudes e comportamentos de saúde materna das mulheres ciganas em Portugal

(*Olhares:2*), Ed: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas, Porto, 2005.

Texto 2

Um estudo realizado em 2009 em Portugal que envolveu 260 pessoas ciganas chegou à seguinte conclusão sobre a sua alimentação e as consequências para a saúde:

"Relativamente ao tipo de alimentos consumidos pelas comunidades ciganas, evidencia-se que o pão/cerais (89,8%) e a massa e o arroz (76,9%) são os alimentos com maior consumo. Por outro lado, denota-se um fraco consumo nos alimentos relacionados com os vegetais (18,3%), os legumes (12,9%) e o peixe (3,4%). É ainda de destacar o maior consumo de carne (9,3%) em relação ao peixe. A ausência de um maior consumo de vegetais, legumes e peixe poderá explicar a existência de doenças como o colesterol e tensão arterial elevada."

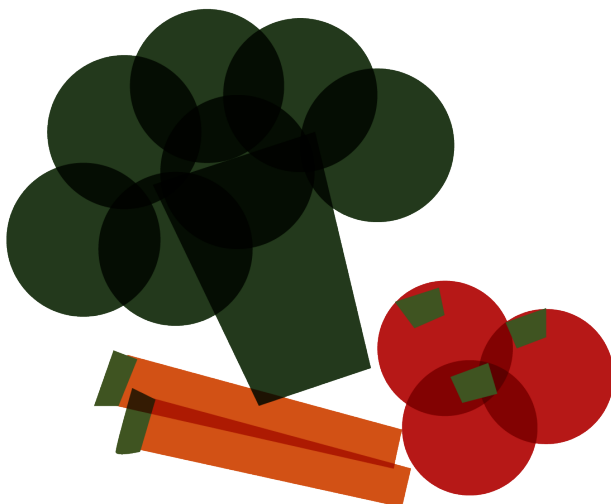
Vicente, Maria José, "As Comunidades Ciganas e a Saúde: um primeiro retrato nacional", in Araújo, Sandra (coord.), Cuadernos Técnicos, Nº 90, Edição: Fundación Secretariado Gitano, Madrid, 2009.

Texto 3

"Um cigano vive, em média, 60 anos, muito abaixo da esperança média de vida europeia, que se situa, atualmente, nos 78 anos."

Cristão, Catarina, Jornal de Notícias, 22 outubro de 2009.

4.1. Em grupo, e recorrendo à informação dos textos, desenha um cartaz que possa ser usado numa campanha de sensibilização sobre a importância de uma alimentação equilibrada na promoção da saúde.

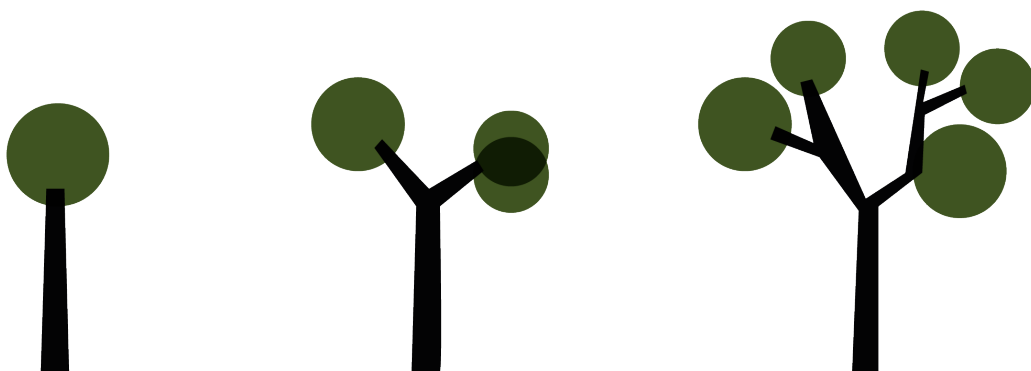


Inglês

6º ano

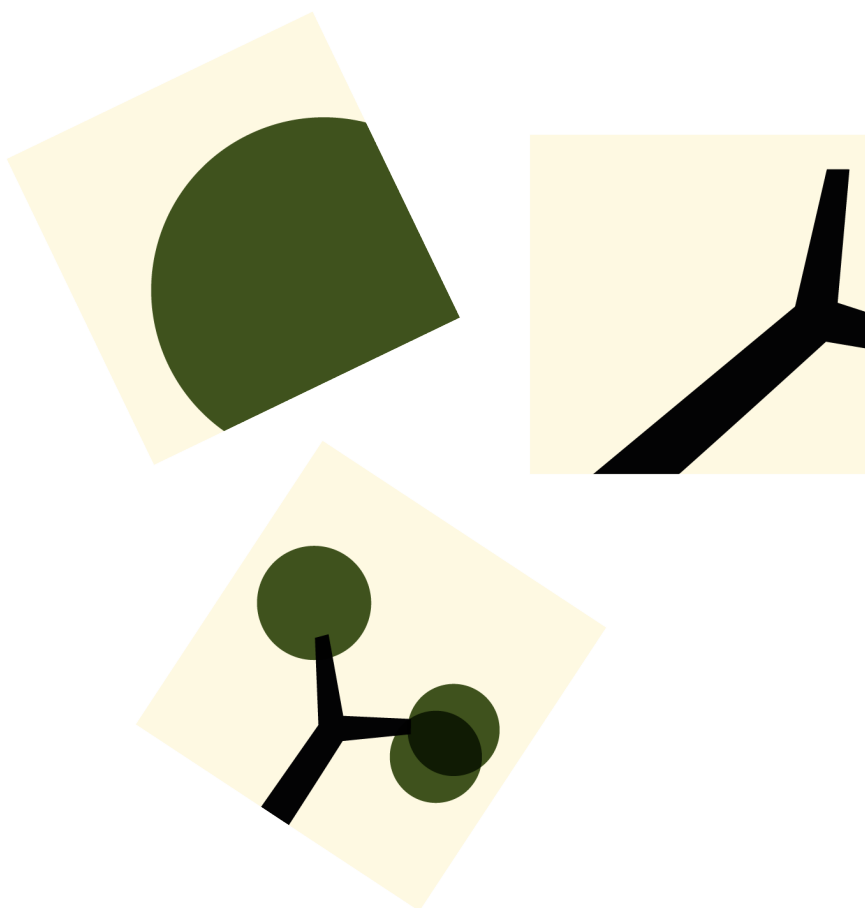
Aprendizagens Essenciais (07/2018)	<p>Reconhecer realidades interculturais distintas</p> <p>Conhecer o seu meio e o dos outros para identificar a diversidade cultural em universos diferenciados</p> <p>Descrever diferentes elementos da sua cultura, identidade e língua por oposição à cultura anglo-saxónica e à língua inglesa</p> <p>Comparar os espaços à sua volta com espaços de realidades culturais diferentes</p> <p>Identificar exemplos concretos de atitudes de tolerância e respeito intercultural</p> <p>Reconhecer algumas diferenças entre as relações interculturais.</p>
Objetivos de educação para a cidadania	<p>Desenvolver atitudes positivas perante universos culturais e sociais diferentes</p> <p>Estabelecer relações empáticas com pessoas de culturas diferentes</p>
Objetivos curriculares	<p>Interagir com colegas em situações muito simples e previamente preparadas</p> <p>Conhecer o seu próprio meio e os outros para compreender universos diferenciados</p>
Conteúdos a explorar	<p>A família</p> <p>Tradições e festividades</p>
Atividades Didáticas	<p>Pesquisa</p> <p>Vocabulário</p>

1. Construir uma *family tree* com fotos dos elementos da família e respetiva legenda.
2. Comparar as diferentes *family trees* e concluir sobre as diferenças e/ou semelhanças entre elas.



1. Pesquisar sobre algumas tradições e festividades do povo cigano do Reino Unido.

1.1. Construir um mural, recorrendo à ferramenta da WEB 2.0 – *Padlett*, onde colocados todos os materiais encontrados (*links*, fotos, vídeos)



1. Definir diferentes campos lexicais (exs: família, casa, animais, etc.) e distribuí-los por grupos de alunos e alunas.

1.1. Cada grupo pesquisa vocabulário Romani do campo lexical que lhe foi atribuído e preenche a primeira coluna da tabela, no seu caderno diário.

1.1.1. Proceder à tradução desse vocabulário para Inglês, preenchendo a segunda coluna.

1.1.2. Preencher a terceira coluna da tabela com a tradução dos vocábulos para Português.

Romani	Inglês	Português

Dicionário on line: <https://pt.glosbe.com/pt/rom>

NOTA

Esta tabela pode ser recomposta de acordo com as diferentes línguas presentes na turma.

Cidadania e Desenvolvimento

6º ano

“(…) na Cidadania e Desenvolvimento (CD) os professores têm como missão preparar os alunos para a vida, para serem cidadãos democráticos, participativos e humanistas, numa época de diversidade social e cultural crescente, no sentido de promover a tolerância e a não discriminação, bem como de suprimir os radicalismos violentos.”

Ensino Básico e Ensino Secundário – Cidadania e Desenvolvimento,

pág. 2.

Objetivos de educação para a cidadania

Desenvolver competências pessoais e sociais enquadradas numa cultura de democracia
Adquirir conhecimentos no âmbito de um conjunto de domínios essenciais ao exercício da cidadania
Contribuir para a integração das crianças ciganas no meio escolar
Estabelecer relações empáticas com pessoas de culturas diferentes

Conteúdos a explorar

Direitos Humanos (civis e políticos, económicos, sociais e culturais e de solidariedade)
Igualdade de Género
Interculturalidade (diversidade cultural e religiosa)

Atividades didáticas

Leitura e exploração de textos – Pesquisas
Exposições



1. Ler o texto em voz alta para que os alunos e as alunas possam responder, oralmente, às questões.

Como vivem as famílias ciganas?

As comunidades ciganas organizam-se em torno das famílias e a família alargada assume uma enorme importância. Em Portugal, sobretudo fora das grandes cidades, a família alargada vive muitas vezes em proximidade partilhando recursos e apoiando-se mutuamente.

Quando há um casamento, o novo casal fica durante algum tempo a viver em casa dos pais do marido para que a nora possa aprender os costumes da família. Idealmente, quando nasce o primeiro filho, a casal passa a ter o seu espaço próprio.

Habitualmente, os casamentos realizam-

se entre ciganos. Por vezes, são combinados entre as famílias antes ainda de os filhos estarem na idade de casar. Hoje em dia, no entanto, os casamentos combinados são cada vez mais raros. E há cada vez mais casamentos mistos entre ciganos e não ciganos. A festa do casamento também tem características próprias: normalmente, as festas duram vários dias e são organizadas pelas duas famílias. Apesar de haver casos em que os noivos casam pelo registo civil ou em que são casados pela Igreja, na maior parte dos casos os casamentos são realizados no interior da comunidade cigana, sem serem registados no registo civil. Os padrinhos são muito importantes nesta festa.

Para a comunidade cigana o tempo deve ser dedicado sobretudo à família e às pessoas de quem se gosta. As profissões nesta comunidade são, muitas vezes, compatíveis com essa dedicação, já que os horários de trabalho são definidos pelos próprios.

O respeito pelos mais velhos é um valor fundamental.

Fonte: Pupo, Inês, *Os Ciganos: História e Cultura*

<http://bibliotecalivrosdigitais.observalinguaportuguesa.org/sites/book.php?id=44>

1.1. Como vivem as famílias ciganas em Portugal?

1.2. Como vivem as famílias ciganas da tua comunidade?

2. Dividir a turma em dois grupos. O grupo 1 deve elencar as diferenças entre o modo de vida das famílias ciganas e o modo de vida das famílias da sociedade majoritária e o grupo 2 as semelhanças, dispondo de dez minutos para esta tarefa.

2.1. Depois de esgotado o tempo, registar no quadro as sugestões/respostas dos dois grupos. A seguir, levar a turma a refletir sobre as diferenças e as semelhanças que identificaram e as suas razões.

NOTA

Este exercício poderá ser adaptado de forma a considerar outros costumes de comunidades representadas na turma.

1. Iniciar a conversa colocando a pergunta:

O que sabes sobre o luto?

2. Ler o texto, abaixo transcrito, em voz alta e pedir aos alunos e alunas que tomem notas para que possam obter informação sobre:

- Hábitos alimentares durante este período
- Duração do luto nos diferentes graus de parentesco
- Mudanças observadas
- Vestuário
- Relações com os vizinhos

O luto nas comunidades ciganas

A roupa preta invade as vestes dos familiares. No caso da morte de um familiar direto, os homens adultos deixam crescer a barba e o cabelo durante o tempo determinado pela "lei cigana". É usual deixarem de comer carne por um período de seis meses.

Os familiares da pessoa falecida deixam de ter divertimentos, como beber bebidas alcoólicas, ver televisão, ouvir música, participar em festas...

Quando uma mulher fica viúva e se ela já estiver em idade avançada terá que carregar o luto até ao fim da sua vida.

A Igreja evangélica tem trazido algumas mudanças às comunidades ciganas, sobretudo no luto. Conhecem-se casos de jovens ciganas que, quando ficam viúvas, a família, aconselhada pelos pastores e familiares crentes, recusa impor o luto à viúva devido à sua juventude e ao pouco tempo de casamento.

Noutros laços de parentesco o tempo de luto varia, embora haja limites para estar enlutado. Dão-se alguns exemplos: a morte de um filho implica um luto para toda a vida, excetuando se tiver outros filhos para casar. Quando se trata do falecimento de um pai ou mãe, a duração do luto pode ir até aos dois anos, embora o mínimo seja um ano.

O luto "obriga" a que só a cabeça e as mãos não estejam cobertos pelos trajes negros.

Entre as comunidades ciganas de Portugal, o luto varia um pouco de região para região: em algumas zonas os homens, quando estão de luto pelo seu pai ou pela sua mãe ou mesmo irmão, usam chapéu e deixam crescer a barba e o cabelo durante seis meses, enquanto noutras regiões usam boné e a barba e cabelo não se cortam nem são aparados até ao fim do luto.

Nos casais, a mulher tem a obrigação de acompanhar o luto de seu cônjuge aquando



do falecimento de um de seus familiares diretos. No caso contrário, o homem não fica obrigado a vestir o preto, apenas respeitar todas as proibições decorrentes do luto acima referidas. Neste período, o homem “recusa” ir a uma festa ou casamento sem a companhia de sua esposa enlutada.

Durante os primeiros tempos de luto, cabe às outras famílias ciganas vizinhas acompanharem a dor recente da família enlutada, fazendo serões e até, em casos de necessidade económica da família, comprarem a alimentação nas primeiras semanas.

Durante os primeiros meses de dor, estas famílias só saem para ir ao cemitério.

Isto tem-se vindo a alterar devido à conjuntura económica do país e aos variados compromissos mensais que as famílias têm que cumprir e muitas pessoas são forçadas a ausentarem-se de casa para trabalharem nas feiras e mercados.

Com os realojamentos nos prédios, as comunidades ciganas sentiram necessidade de adaptar as suas regras a uma nova forma de partilhar o novo espaço de habitação. Por exemplo, num prédio onde vive mais do que uma família cigana, se uma delas enlutar, terão que receber das outras famílias a solidariedade que se baseia em restringir nas suas casas todo o tipo de festas e mesmo a audição de música cigana durante o primeiro ano de luto. Ao fim de um ano, por uma questão de consciência, a família enlutada ausenta-se da sua morada durante períodos festivos como o Natal e o Ano Novo para que as outras famílias possam festejar.

Projeto de livro de Bruno Gonçalves: Conhece-me Antes de me Odiar

2.1. Identificar as diferenças e semelhanças do luto nas comunidades ciganas e na sociedade maioritária utilizando um suporte adequado (quadro, tabela, esquema, etc.).

NOTA

Este exercício poderá ser adaptado de forma a considerar outros costumes de comunidades representadas na turma.

2.2. Refletir sobre a importância destes rituais para garantir a coesão das comunidades.

1. Lê o texto e responde às questões.



As mulheres ciganas

Há já alguns anos que se vem produzindo, dentro das comunidades ciganas, uma lenta evolução que põe em questão o papel da mulher dentro da sociedade. As mulheres, em algumas das suas comunidades, têm agora outras tarefas que não se limitam à educação das crianças, às tarefas da casa e à transmissão dos códigos de honra. Hoje, participam ativamente na economia da família, vão com os maridos trabalhar nas feiras, criando dessa forma uma inevitável independência.

Embora de forma muito lenta, algumas mulheres ciganas tomam hoje consciência da sua situação e começam a ponderar sobre a necessidade de um espaço participativo da mulher que hoje tem um papel mais proativo do que no passado.

Existem duas associações de mulheres ciganas no país (AMUCIP e Ribaltambição).

Em Portugal, podemos encontrar mulheres ciganas que são dirigentes associativas, bancárias, advogadas, bombeiras, mediadoras, etc.

Bruno Gonçalves (adaptado)

1.1. Que tarefas desempenham as mulheres ciganas, na família e na sociedade?

1.2. Quais as associações que lutam pelos direitos das mulheres ciganas, em Portugal?

2. Em grupo, faz uma pesquisa sobre a AMUCIP (<https://amucip.weebly.com/>). Escolhe um dos seguintes pontos e apresenta-o à turma.

- Principais objetivos (3)
- Alguns projetos e/ou atividades
- Prémios e/ou distinções
- Provérbios e sua interpretação (3)
- Curiosidades (3)

Ficha de trabalho

Atividade 4 – Identificação. Exposição. Discussão.

1. Atenta nos quadros que se seguem e associa os elementos da coluna A aos da coluna B, de acordo com as tuas ideias sobre os papéis dos homens e das mulheres nas famílias.

Comunidade cigana

	A	B
Homem •		<ul style="list-style-type: none">• Ganhar dinheiro• Educar as crianças• Cuidar da casa• Proteger a família
Mulher •		<ul style="list-style-type: none">• Estudar• Ser encarregado ou encarregada de educação• Conduzir um carro• Ser líder religioso ou religiosa• Tomar decisões sobre a família• Viajar sozinho ou sozinha

Quadro 1

Comunidade maioritária

	A	B
Homem •		<ul style="list-style-type: none">• Ganhar dinheiro• Educar as crianças• Cuidar da casa• Proteger a família
Mulher •		<ul style="list-style-type: none">• Estudar• Ser encarregado ou encarregada de educação• Conduzir um carro• Ser líder religioso ou religiosa• Tomar decisões sobre a família• Viajar sozinho ou sozinha

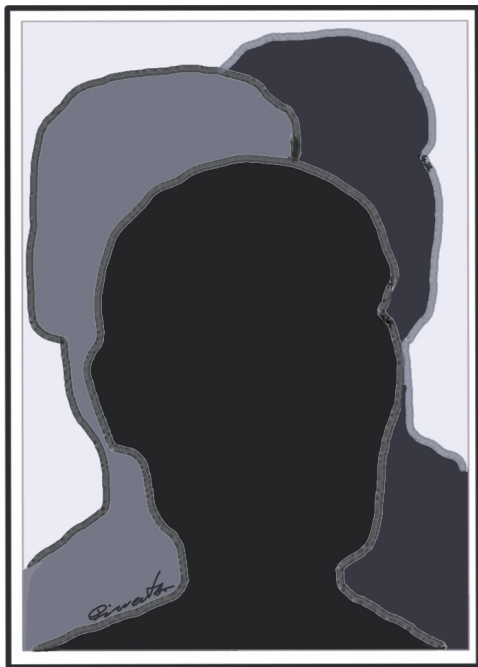
Quadro 2

2. Quais as diferenças que identificaste entre os papéis das mulheres ciganas e os dos homens ciganos?

2.1. Quais as diferenças que identificaste entre os papéis dos homens e os das mulheres da sociedade maioritária?

2.2. Faz uma lista das diferenças de papéis entre homens e mulheres e que são comuns à comunidade cigana e à comunidade maioritária.

2.3. Apresenta duas propostas que contribuam para promover a igualdade entre homens e mulheres nas duas comunidades.



3. Lê o texto.

Quais são as diferenças entre os homens e as mulheres?

Nas comunidades tradicionais, os homens tomavam conta das coisas que se produziam para depois vender, como por exemplo, a confecção de cestos ou de utensílios em cobre. Alguns construíam instrumentos musicais, outros vendiam tapetes, carros ou mobílias.

Hoje em dia é frequente trabalharem em mercados ou feiras ou executarem tarefas especializadas, como pedreiros ou canalizadores. Habitualmente os homens têm a última palavra no que diz respeito às

decisões relacionadas com a família.

Nas comunidades mais tradicionais, era habitual as mulheres ganharem dinheiro lendo a sina.

Hoje em dia, trabalham muitas vezes fora de casa, vendendo ou trocando artigos variados. Também podem trabalhar em mercados ou feiras. Habitualmente são as mulheres que preparam as refeições e limpam a casa. Nalguns casos há uma divisão de tarefas nas vendas: cabe ao homem apregoar e à mulher vender. Noutros casos, porém, esta divisão não acontece.

É frequente homens e mulheres poderem cantar, dançar e contar histórias, mas habitualmente só os homens é que tocam instrumentos musicais.

As crianças começam desde cedo a ser envolvidas nas atividades e nas conversas familiares, para que possam aprender com os mais velhos. Como os ciganos acreditam que a aprendizagem se faz ao longo da vida, os mais velhos são considerados mais sábios, e por isso promove-se o contacto das crianças com os mais velhos, sempre que possível. Muitas vezes, os mais velhos são chamados por "Tio" e "Tia", mesmo que não haja verdadeiro parentesco.

Pupo, Inês, Os Ciganos: História e Cultura <http://bibliotecalivrosdigitais.observalinguaportuguesa.org/sites/book.php?id=44>

1. De acordo com a tua experiência, que semelhanças e diferenças encontras entre gostos, comportamentos e hábitos das crianças ciganas e das crianças da sociedade maioritária?

Assinala com = o que achas que é semelhante e com ≠ o que achas que é diferente:

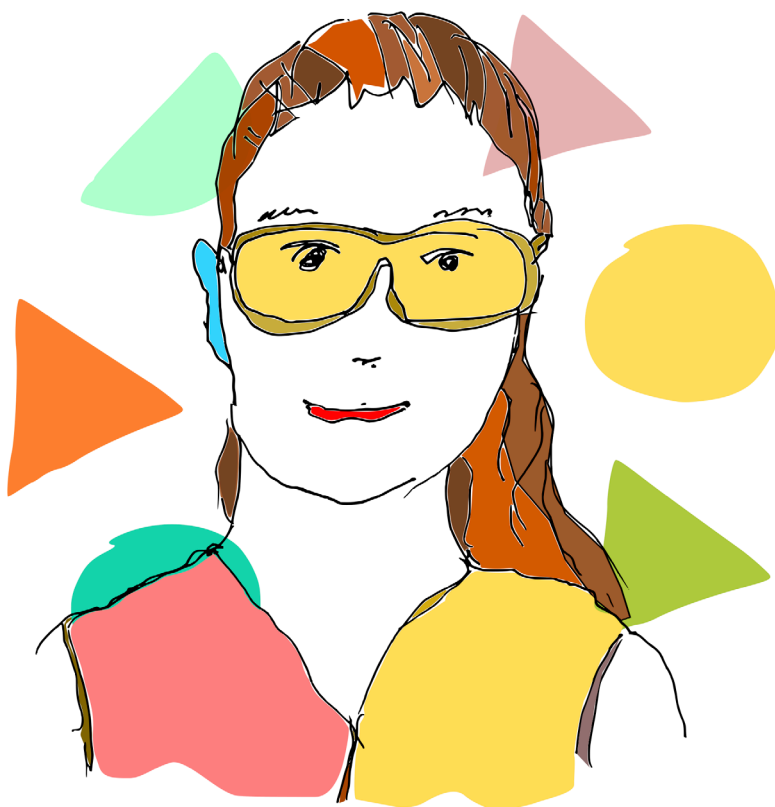
Semelhanças e diferenças	=	≠
Gostam de brincar	_____	_____
Gostam de andar na escola	_____	_____
Ajudam nas tarefas de casa	_____	_____
São sonhadoras	_____	_____
Veem televisão	_____	_____
Adoram batatas fritas	_____	_____
Rapazes e raparigas formam grupos separados	_____	_____
Gostam de roupas novas	_____	_____
São fãs de futebol	_____	_____
Têm ídolos	_____	_____
São inseparáveis do telemóvel	_____	_____
Estão nas redes sociais	_____	_____
Detestam peixe cozido	_____	_____
Gostam da sua família	_____	_____
Outros:	_____	_____

Quadro 3

1.1. Encontras mais diferenças ou semelhanças entre as crianças ciganas e as não ciganas?

1.2. Que conclusões podes tirar?

1.3. Aponta algumas razões possíveis para a existência das diferenças de hábitos ou gostos.



1. Lê o texto.

A solidariedade

À noite, sentada na cama, a avó da Maria enquanto contava uma história, disse, num sussurro:

- Tu és filha do vento, minha cigana! Ouve: esta história faz parte do nosso povo, e aconteceu há muitos, muitos anos atrás que nem se conseguem contar pelos dedos das nossas mãos...

Os ciganos viajaram pela Europa Central trazendo alegria e coisas úteis, costumavam afiar facas da cozinha, vendiam potes para as casas, outros liam a sina e alguns sabiam muito sobre o poder de cura de algumas plantas, para tirar a dor de dentes, de ouvidos... Os ciganos eram também excelentes contadores de histórias, cantores, malabaristas, tudo isso faziam os ciganos!

Quando chegavam a uma cidade eram recebidos com muita agitação e muita curiosidade. Todos deixavam as suas casas e reuniam-se na praça para ouvirem as boas novas que o nosso povo trazia de outras cidades e aldeias. As pessoas cantavam, riam e ouviam as nossas histórias. Durante algum tempo, as pessoas trataram os ciganos com muita amizade.

Certo dia, chegaram a uma pequena aldeia com as suas músicas e danças, ninguém saiu para os receber: as portas das casas não se abriram, nem um suspiro se ouvia, parecia que o mundo tinha parado!

Ficaram intrigados com o silêncio, quando, de repente, uma menina apareceu e lhes contou o que tinha acontecido:

- Tudo começou quando o padeiro recusou ao moleiro um pouco de massa. Ele, por sua vez, negou grão ao sapateiro. O sapateiro negou-se a consertar o calçado de uma mulher camponesa. A camponesa recusou um copo de água ao carteiro, o carteiro não quis entregar as cartas à professora, a professora não deu aulas e os alunos recusaram-se a ajudar na lavoura.

A solidariedade desapareceu da aldeia. Todos estavam trancados nas suas casas e a tristeza tomou conta das ruas.

Os ciganos sentaram-se para encontrar uma solução para aquela situação, decidiram fazer uma festa para a qual iriam convidar todos os residentes da aldeia de forma a trazer de novo a solidariedade às ruas.

Cozeram pão, assaram carne, iluminaram e enfeitaram as ruas!

As ruas da aldeia estavam lindas, mas ainda vazias, então os ciganos foram de casa em casa e chamaram os aldeões para a festa.

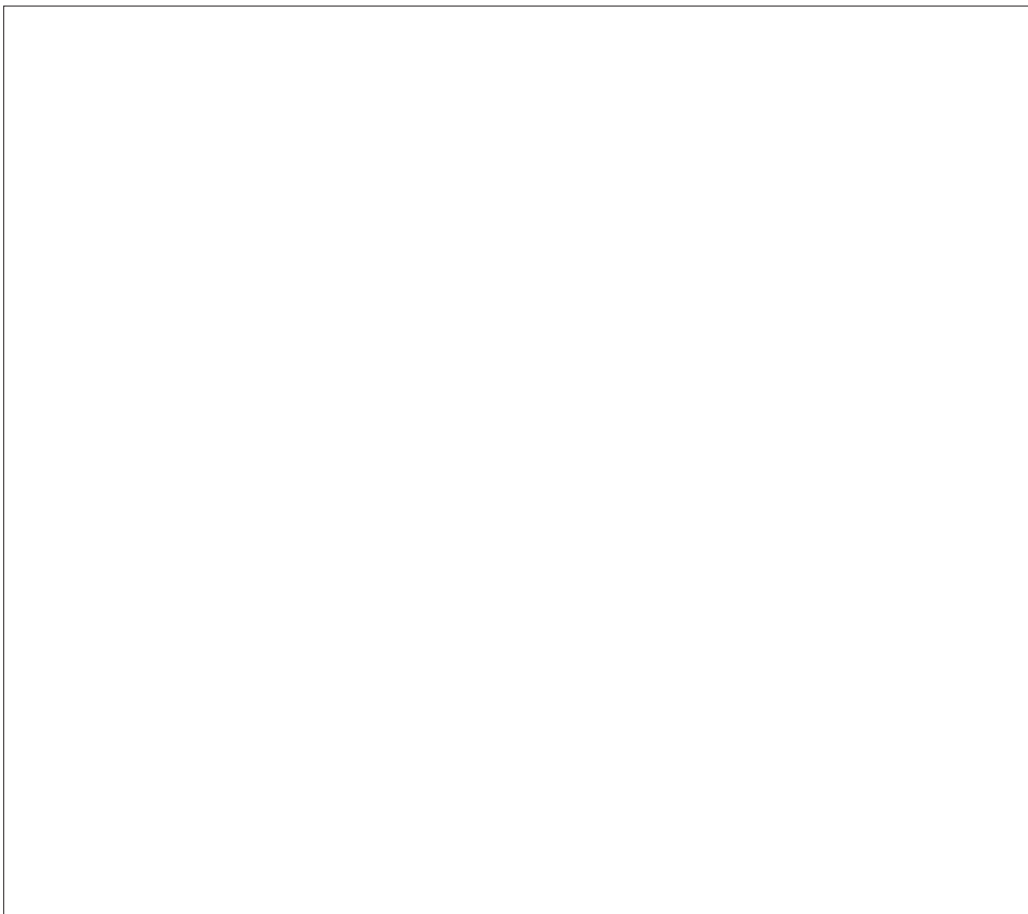
Naquela noite, a padeira, o moleiro, a camponesa, o sapateiro, o carteiro e a professora dançaram toda a noite de mão dada à volta da fogueira, a "senhora Solidariedade" voltou aos corações daquelas pessoas, distribuiu beijos e abraços...

- Maria, lembra-te e ensina os teus filhos e os teus netos que o nosso povo ama a vida e a liberdade, viemos de um país chamado Índia, mas o mundo inteiro é a nossa casa! A família é o nosso lema, a solidariedade arde nos nossos corações! Nunca negues a tua origem!

Ser cigano é sonhar e construir um mundo melhor!

Bruno Gonçalves (Adaptação de um conto tradicional cigano)

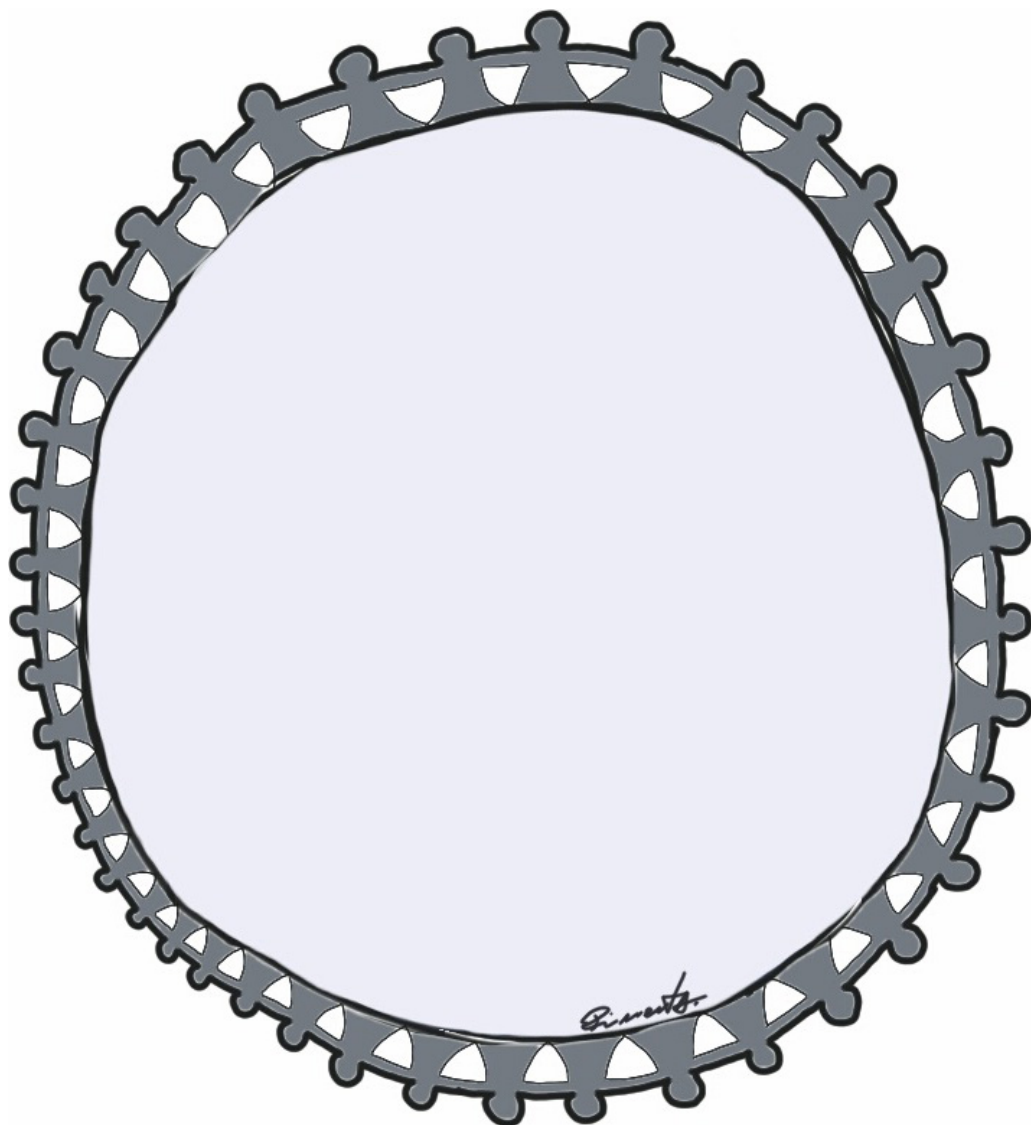
1.1. Escolhe um dos momentos deste texto, o que mais te tenha agradado, e ilustra-o com um desenho da tua autoria.



Biografias

Propor um trabalho a pares, de modo a que cada grupo elabore uma biografia de uma personalidade famosa de origem cigana.

No final, realizar uma pequena exposição das biografias num local de visibilidade na escola.



Educação Visual e Educação Tecnológica

5º e 6º ano

**Aprendizagens Essenciais
(07/2018)**

**Interpretação
e comunicação**

Interpretar os objetos da cultura visual em função do(s) contexto(s) e dos(s) públicos(s)
Intervir na comunidade, individualmente ou em grupo, reconhecendo o papel das artes nas mudanças sociais
Expressar ideias, utilizando diferentes meios e processos (pintura, escultura, desenho, fotografia, multimédia, entre outros)
Transformar os conhecimentos adquiridos em novos modos de apreciação do mundo

Processos tecnológicos

Distinguir as fases de realização de um projeto: identificação, pesquisa, realização e avaliação

**Objetivos de educação
para a cidadania**

Desenvolver competências pessoais e sociais enquadradas numa cultura de democracia
Adquirir conhecimentos no âmbito de um conjunto de domínios essenciais ao exercício de cidadania
Contribuir para a integração das crianças ciganas no meio escolar
Estabelecer relações empáticas com pessoas de culturas diferentes

Objetivos curriculares

Ampliar o seu conhecimento sobre as outras pessoas e outras culturas
Adquirir competências e conhecimentos necessários ao exercício responsável da cidadania, realçando a importância de se participar ativamente na construção do grupo cultural, da comunidade e da sociedade

Conteúdos a explorar

Materiais riscadores e pictóricos
Suportes físicos
Texturas naturais e artificiais
Módulo/ Padrão
O património e a sociedade
Comunicação escrita
Características e propriedades dos materiais

Atividades Didáticas

Pesquisas
Passagem de modelos
Criação de cenários e objetos

1. Estudo visual de panos explorando o seu *design* gráfico.
 - 1.1. Pesquisar sobre panos de diversas origens culturais e/ou étnicas.
 - 1.2. Observar os diferentes padrões selecionados e concluir sobre a:
 - simbologia
 - riqueza cromática
 - composição
 - 1.3. A partir dos panos observados, criar novos padrões investindo na:
 - simplificação de formas
 - rotação, repetição ou alternância de módulos
 - harmonia ou contraste de cores
 - estrutura da composição

1. Pintura de panos com padrões inspirados na cultura cigana.

1.1. Explorar as seguintes técnicas:

- impressão
- tintagem
- batik



1. Criação do cenário adequado à passagem de modelos de roupa usada pelas pessoas ciganas em momentos especiais.

1.1. Com vista à criação de adereços para esta iniciativa, recolher informação/materiais sobre:

- roupas utilizadas para ir a casamentos (incluindo vestidos de noiva)
- roupas para ir a festas
- roupas para ir ao culto
- sinais explícitos e identificadores de pertença cultural

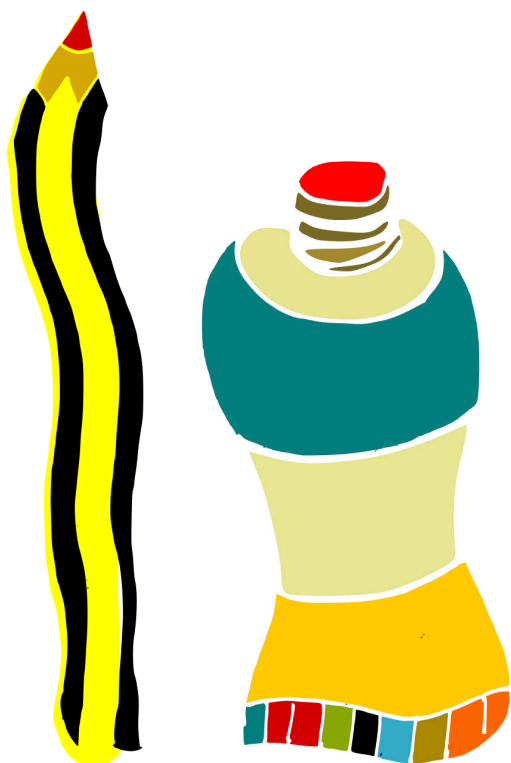
1.2. Recorrendo à técnica do “Papier Machê” criar adereços, nomeadamente:

- pulseiras
- ganchos para o cabelo
- colares

1. Divulgação da passagem de modelos.

1.1. Conceber os meios de divulgação da atividade:

- cartazes
- folhetos informativos
- outros



1. Estudo do símbolo da bandeira do povo cigano



A bandeira do povo cigano foi criada em 1971, em Londres, no primeiro congresso mundial cigano. É composta por duas tiras horizontais. A tira superior é azul e a inferior é verde. No centro está uma roda de cor vermelha.

1.1. Interpretar o seu significado tendo em conta as cores e as formas aí representadas e aquilo que sabem sobre o povo cigano.

1.2. No final desta análise, fazer uma pesquisa sobre a bandeira do povo cigano e comparar os dados que descobriram com a interpretação feita da bandeira.

1.3. Pesquisar sobre as bandeiras de todas as nacionalidades presentes na turma.

1. Construção de um cajón

“Cajón é o termo utilizado em espanhol que significa caixa. Este instrumento teve origem no Perú colonial com a presença dos escravos africanos, estes criaram a caixa flamenca como recurso alternativo às suas práticas rítmicas culturais com instrumentos de percussão. Ainda hoje este instrumento é considerado como Património Cultural da Nação daquele país.”

Alves, Igor, A Educação Artística e a Comunidade Cigana do Planalto de Coimbra, Coimbra, 2012, pág. 100

https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/10702/1/IGOR_ALVES.pdf

1.1. Recorrendo ao documento de apoio citado (págs. 100-102) pode construir-se um Cajón. Nesta atividade a disciplina de EVT deve articular-se com as disciplinas de matemática e de EM.

Educação Musical

5º e 6º ano

**Aprendizagens Essenciais
(07/2018)**

Experimentação e criação

Compor peças musicais com diversos propósitos, combinando e manipulando vários elementos da música (altura, dinâmica, ritmo, forma, timbres e texturas), utilizando recursos diversos (voz, corpo, objetos sonoros, instrumentos musicais, tecnologias e software).

Apropriação e reflexão

Comparar características rítmicas, melódicas, harmônicas, dinâmicas, formais, tímbricas e de textura em peças musicais de épocas, estilos e gêneros musicais diversificados.

Investigar diferentes tipos de interpretações escutadas e observadas em espetáculos musicais (concertos, bailados, teatros musicais, óperas e outros), ao vivo ou gravados, de diferentes tradições e épocas utilizando vocabulário apropriado.

Identificar criticamente a música, enquanto modo de conhecer e dar significado ao mundo, relacionando-a com o seu dia a dia, e os seus mundos pessoais e sociais.

**Objetivos de educação
para a cidadania**

Adquirir conhecimentos no âmbito de um conjunto de domínios essenciais ao exercício de cidadania
Contribuir para a integração das crianças ciganas no meio escolar
Estabelecer relações empáticas com pessoas de culturas diferentes

Objetivos curriculares

Desenvolver capacidades rítmicas e auditivas

Conteúdos a explorar

Instrumentos da sala de aula
Figuras rítmicas e notas musicais

Atividades Didáticas

Pesquisas
Exercícios de identificação e reprodução de trechos musicais

Parte A – trabalho de pesquisa

Realiza um trabalho de pesquisa que inclua os seguintes tópicos:

- 1. No mundo da música há pessoas famosas que são ciganas.
 - 1.1. Faz uma pesquisa e identifica três, justificando a tua escolha.

- 2. Há instrumentos musicais mais associados à música cigana do que outros.
 - 2.1. Pesquisa sobre os instrumentos da sala de aula e classifica-os por famílias.

- 2.2. Procura informação sobre instrumentos típicos da música cigana e refere o que mais te chamou a atenção.

2.3. Compara estes instrumentos com os instrumentos da sala de aula:

2.3.1. Som produzido

2.3.2 Maneira de tocar

2.3.3. Morfologia



Parte B – trabalho prático

Selecionar um excerto musical em formato vídeo, no qual se deverá compreender a estrutura rítmica (pulsação, compasso e quadratura) e harmónica (acordes base). Caso se sintam à vontade e o excerto seja adequado, os alunos e as alunas podem aprender alguns motivos melódicos, seja de forma vocal e/ou instrumental.

Depois de o dar a ouvir aos alunos e alunas (sem imagem), propor os seguintes exercícios:

1. Tentar perceber alguns aspetos gerais: que país faz lembrar a música; é música para dançar, cantar ou ouvir (ou várias coisas); alegre ou triste; etc.
2. Tentar adivinhar quais os instrumentos musicais envolvidos, considerando também o canto e as ações corporais (sapateados, palmas, etc.).
3. Observar o vídeo e comparar o que se vê com as respostas dadas antes de ter acesso às imagens.
4. Ouvindo a música, realizar exercícios de audição e reprodução rítmica:
(1) bater pulsação, (2) bater o tempo forte e (3) bater o compasso;
5. Fazer um exercício de execução rítmica sobreposta à gravação:
(1) um ritmo fixo e (2) improvisação (para quem estiver mais à vontade);
6. Com os instrumentos da sala de aula, fazer um acompanhamento instrumental simples.
 - a) O ritmo baseado no trabalho feito nos pontos anteriores;
 - b) A harmonia sob indicação do ou da docente;
 - c) Caso seja pertinente e exequível, podem ser acrescentados motivos vocais;
7. Facultativamente, caso seja adequado e exequível, pode haver movimento, dança ou coreografia.

NOTA

Todos os exercícios propostos devem ser ajustados ao grupo, privilegiando a simplicidade e espírito coletivo. Deve ser dado espaço à improvisação, caso haja alunos ou alunas que demonstrem interesse.



Parte C - Apresentação

Convidar pessoas da comunidade cigana para fazerem uma demonstração do uso de instrumentos musicais na música cigana.

Anexo 1 - Textos informativos sobre a ligação do povo cigano à música

Texto 1

“Ao longo dos séculos, a música foi sempre um elemento muito presente nas comunidades ciganas, podendo, por isso, ser uma ótima ferramenta multicultural e interdisciplinar para realizar a ponte entre a sociedade maioritária e estas comunidades. Já se ouvia falar de músicos oriundos da Índia no século V e, desde então, animaram muitas cortes, muitas festas para as quais eram solicitados, extasiando a assistência com o exotismo das suas roupas, o movimento das suas danças e a beleza da música. (pág. 31– 43).

Na obra de Cervantes, *La Gitanilla*, é evocado o uso do tamboril, tamborim, pandeireta, adufe (sonajas) e castanholas. O tamboril é um pequeno tambor, maior em altura do que largura, que se toca com uma baqueta apenas enquanto com a outra mão então disponível se toca uma flauta apelidada de pito. O tamboril ainda é utilizado no acompanhamento dos fandangos folclóricos na região espanhola de Huelva. Tem que ter-se em conta a distinção entre o tamborim de caixa cilíndrica e o tambor de caixa quadrada, podendo existir diversas variações destes. (págs. 33, 34).

A aprendizagem musical na etnia cigana é levada a cabo em contexto informal, passando de geração em geração, sendo que a língua utilizada é o português e o castelhano e tem normalmente como temas o amor impossível, a saudade, entre outros. No que respeita às características musicais que identificam o seu caráter de interpretação, as técnicas vocais são vivas e baseadas em dissonâncias e microtons. Existe uma clara preferência por modos menores e constantes modulações. A sonoridade da escala melódica e da escala harmónica é claramente aquela que nos é mais familiar na música cigana bem como a terminação em cadência plagal.”

Alves, Igor, A Educação Artística e a Comunidade Cigana do Planalto de Coimbra, Coimbra, 2012, pág. 43

(<http://hdl.handle.net/10400.26/10702>)

Texto 2

“Normalmente nómadas, os ciganos sempre atuaram como artistas e comerciantes ambulantes. Em todos os lugares em que vivem os Romani - na Europa, norte da África, Oriente Médio e noroeste da Índia - tornaram-se conhecidos como músicos. As grandes distâncias percorridas por eles introduziram uma infinidade de influências, a começar

pelas raízes indígenas e acrescentando toques gregos, árabes, persas, turcos, eslavos, romenos, alemães, franceses, espanhóis e celtas. (...)

Ao longo dos séculos, o povo cigano foi desprezado, odiado e temido. A sua música, no entanto, sempre foi apreciada através de canções e danças e foi imitada no palco."

Traduzido de Renard, Stan & Fellman, Philip, What is Romani Music? An emerging definition learned from social network analysis, International Conference on Complex Systems, Boston, 2011, pág. 8.

Anexo 2 - Links de acesso a vídeos de música cigana

<https://www.youtube.com/watch?v=BTzl-RBrarY>

<https://www.youtube.com/watch?v=M8iRAXH174E>

<https://www.youtube.com/watch?v=LCUv9W0ViRc>

https://www.youtube.com/watch?v=Zf_yRFw518

<https://www.youtube.com/watch?v=tfS3GXltoEo>



Educação Física

5º e 6º ano

Aprendizagens Essenciais (07/2018)

Atividades rítmicas expressivas

Interpretar, nas atividades rítmicas e expressivas (Dança, Danças Sociais, Danças Tradicionais), sequências de elementos técnicos elementares, em coreografias individuais e ou em grupo, aplicando os critérios de expressividade, de acordo com os motivos das composições.

Objetivos de educação para a cidadania

Desenvolver atitudes positivas perante universos culturais e sociais diferentes
Contribuir para a integração das crianças ciganas no meio escolar
Estabelecer relações empáticas com pessoas de culturas diferentes

Objetivos curriculares

Relacionar-se com cordialidade e respeito pelos seus companheiros e companheiras, quer no contexto de colaboração quer no de competição
Aceitar o apoio dos companheiros e companheiras nos esforços de aperfeiçoamento próprio, bem como as opções das outras pessoas e as dificuldades reveladas por elas
Cooperar nas situações de aprendizagem e de organização, escolhendo as ações favoráveis ao êxito, segurança e bom ambiente relacional, na atividade da turma

Conteúdos a explorar

Jogos populares e danças tradicionais do povo cigano

Atividades Didáticas

Pesquisa
Jogos
Danças

Proposta de trabalho

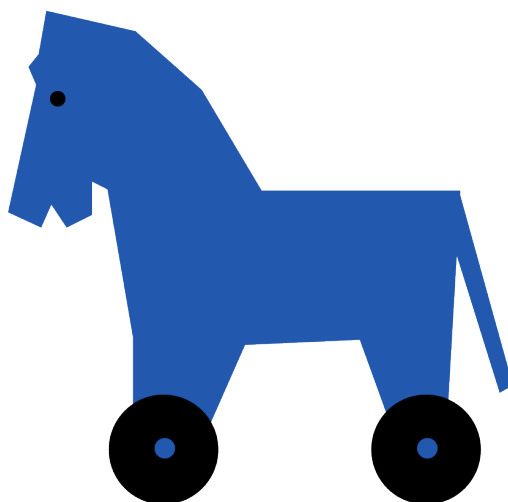
Atividade 1 – Trabalho de pesquisa. Apresentação à turma.

Dividir a turma de modo a que uma parte pesquise sobre jogos e outra sobre danças.

1. Em grupos, recolher informações sobre jogos/danças tradicionais da cultura cigana (ver anexos 1 e 2 ou pesquisar).
2. Cada grupo escolhe um jogo/dança para apresentar à turma.

NOTA

Sugere-se a mobilização de outras culturas em presença na turma.



1. Dinamizar os jogos com outras turmas dos mesmos anos.
2. Preparar uma coreografia com danças ciganas e apresentá-la a outras turmas.

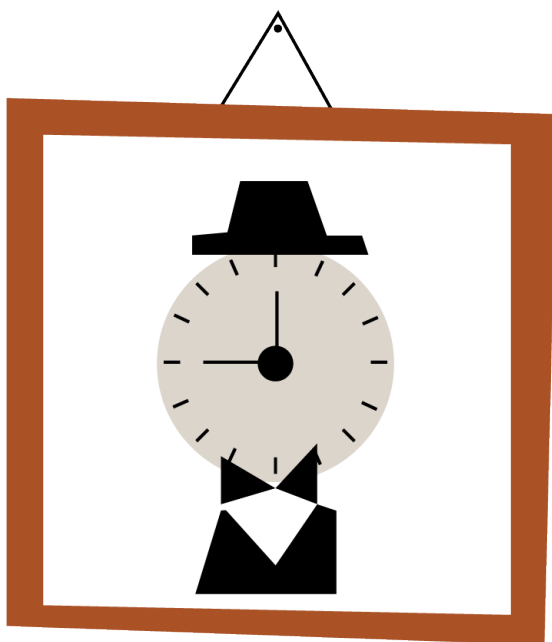
NOTA

Esta atividade pode ser apresentada no Dia Internacional das Pessoas Ciganas, que se celebra no dia 8 de abril.



A essência, a origem e as regras do jogo “Os esquis de Bolek” (Bolek é um nome de rapaz) perderam-se no tempo. Na memória coletiva dos ciganos só sobreviveu o nome. A causa é a falta de fontes escritas.

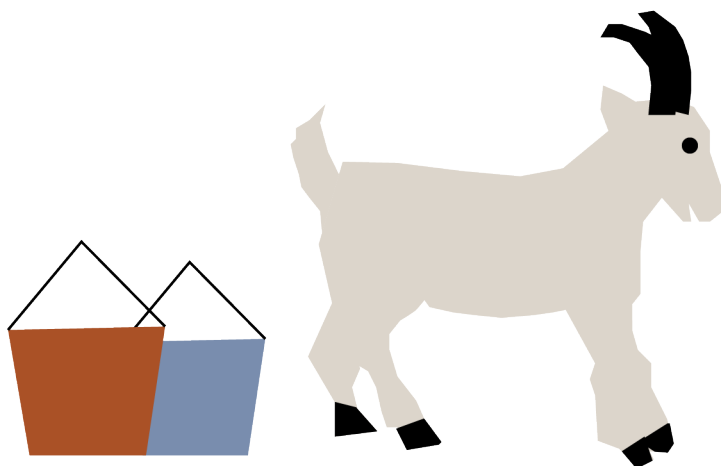
1. Pedir aos alunos e alunas que inventem um jogo que se inspire neste nome: “Os esquis de Bolek” e que o descrevam, por escrito, identificando as regras, o número de participantes e o objetivo final.



Proposta de trabalho

Atividade 4 – Reflexão.

1. Realizar uma reflexão conjunta sobre as questões colocadas:
Quais os jogos tradicionais da cultura cigana? Quais as diferenças e as semelhanças entre estes e os jogos que conheces?



Anexo 1 – Jogos da cultura cigana

Ferradura voadora

Vários grupos ciganos tinham uma ligação muito forte com os cavalos. Não apenas porque eram comerciantes destes animais, mas também porque os usavam como meio de transporte nas suas constantes deslocações.

Este jogo usa um objeto associado aos cavalos: a ferradura.

Um de cada vez, os jogadores e as jogadoras lançam uma ferradura pelo ar de modo a cair numa estaca que está espetada no chão a uma determinada distância (alguns metros).

O objetivo é atirar a ferradura de modo a que fique encaixada na estaca.

Os pontos vão sendo contados e quem conseguir enfiar mais vezes a ferradura na estaca, ganha.

Culinária desportiva

Uma pessoa tinha que lançar pelo ar uma fatia grossa de presunto e acertar na panela que era imobilizada por outra pessoa e que se mantinha a alguns metros de distância. Quanto menor fosse a amplitude do movimento da pessoa que segurava a panela, melhor a pontuação recebida pela que lançava o presunto. Nas famílias mais pobres o presunto foi substituído por carne mais barata, por exemplo, o toucinho.

Jogo da roda

O jogo da roda consistia em empurrar para a frente uma grande roda de madeira ou uma roda de bicicleta ou ainda um pneu de um carro, com um arame.

Era jogado por pessoas adultas, jovens e crianças. Podia ser um jogo individual ou de equipa. No primeiro caso, uma pessoa competia com outra fazendo rolar a roda; enquanto que, na segunda versão, várias pessoas, juntas ou à vez, rolavam a roda, competindo com a equipa rival.

A equipa vencedora era a que chegasse com a roda à meta em primeiro lugar.

O jogo da roda, noutras versões, consistia em percorrer o máximo de distância possível ou em garantir a precisão do rolamento.

Braço-de-ferro

Este jogo era muito popular entre a comunidade cigana no início do século XX.

O jogo do braço-de-ferro era muito simples. Dois grupos de pessoas colocados no final de uma corda puxavam em direções opostas. Por vezes, a corda estava por cima de um fosso com água, então, uma equipa puxava a outra para a água, o que tornava o jogo

mais atrativo. Vencia a equipa que conseguisse puxar tanto a corda, que obrigasse a outra equipa a cair e a largá-la.

As pessoas ciganas competiam entre si ou com membros de outras comunidades. A competição com pessoas exteriores à comunidade, permitia-lhes provar a sua superioridade não apenas em termos de força física, mas também no que dizia respeito à capacidade de jogar em equipa, o que era bastante apreciado.

Krêcioek

"Krêcioek" ("andar à roda") foi sempre um jogo de crianças. Consistia em rodar à volta do próprio corpo, não mudando de posição ou mudando só um pouco. A pessoa que rodava levantava os braços, o que ajudava a manter o balanço. As crianças ciganas jogavam individualmente ou em pequenos grupos.

Vencia quem conseguisse rodar durante mais tempo, e que continuasse em pé depois de as restantes pessoas em jogo terem caído.

Jogo dos ovos

É um jogo de crianças atualmente pouco conhecido entre a comunidade cigana.

Uma pessoa do grupo tem como tarefa manter os ovos numa cesta, enquanto os restantes jogadores e jogadoras se escondem. Depois, tentam tirar os ovos da cesta quando o seu guardião ou guardiã se afasta dela à procura dos jogadores e jogadoras que se esconderam.

Vence quem tira o maior número de ovos da cesta. Quem a guarda também pode ganhar o jogo, se encontrar todas as crianças antes de elas conseguirem tirar os ovos.

Em vez de ovos podem usar-se maçãs ou até mesmo batatas.

Ordenha de cabra

O jogo consistia em ordenhar cabras e ganhava quem que o fizesse com mais perícia. Ou seja, num determinado período de tempo, os e as concorrentes tinham que recolher a maior quantidade de leite.

Szum, Ernest e Ryszard, Cieslinski, Traditional Games and fun on the Roma community inhabiting eastern Poland. An anthropological ethnomethodological perspective, Polish Journal of Sport and Tourism, 2013, 20, págs. 288-293.

Anexo 2 - Dança cigana tradicional

A dança individual feminina e a masculina diferem consideravelmente entre si.

Na dança tradicional, as mulheres ciganas dão passos rápidos, mantendo a silhueta reta. O tronco mantém-se na mesma linha das pernas e não se dobra para a frente ou para trás. A cabeça - quase parada - é um pouco levantada, o que aumenta a dignidade da dança. Durante a dança, os braços, antebraços e mãos estão em movimento dinâmico. Os braços movem-se ao longo do corpo, elevando-se acima dos ombros e da cabeça, depois descem devagar e suavemente, em intervalos, dobrando e desdobrando as mãos. Os movimentos são frequentemente acompanhados de palmas.

Na dança cigana tradicional, os detalhes e a sutileza dos movimentos dos dedos são muito importantes. Nos movimentos, sutilezas de todos os tipos são expressas, entendidas claramente pelo público ao nível sensual, intelectual e emocional.

Na dança masculina há mais dinâmica e impulsividade que às vezes assume a forma de impetuosidade. A dança dos homens tem um ritmo mais rápido, é menos esquemática, menos suave e menos organizada, e tem voltas frequentes sobre o próprio corpo. O dançarino marca a cadência batendo os pés e batendo palmas contra o peito, coxas e canelas.

A plateia cigana reunia-se em torno dos dançarinos, gritava, assobiava e também ritmadamente batia palmas ou batia as mãos em panelas, apoiando os artistas e até mesmo substituindo-os.

Szum, Ernest e Ryszard, Cieslinski, Traditional Games and fun on the Roma community inhabiting eastern Poland. An anthropological ethnomethodological perspective, Polish Journal of Sport and Tourism, 2013, 20, págs. 288-293.

Anexo 3 - Links de acesso a vídeos de dança cigana

<https://www.youtube.com/watch?v=v6XTrIyoDDw>

<https://www.youtube.com/watch?v=r6D7v9y6rCU>

https://www.youtube.com/watch?v=IFY3_PwKxYw

<https://www.youtube.com/watch?v=TYgl6qfPdd4>

5. Uma estratégia global da escola

A escola é o lugar onde os e as jovens passam mais tempo em interação nos seus primeiros 17 anos de vida. Tem, por isso, que assumir a sua importância não apenas na transmissão de conhecimentos, mas também de valores e princípios com os quais alunos e alunas interpretam o mundo e definem a forma como se relacionam com ele.

A *whole school approach* tem vindo a conquistar escolas por todo o mundo mostrando que é um caminho adequado para uma educação que se quer adaptada a um mundo cada vez mais complexo e presente. O que caracteriza esta abordagem é a escola considerar os conhecimentos, competências e valores como um resultado global das aprendizagens permitindo assim que os alunos e as alunas se relacionem de forma holística e através da escola, com um mundo globalizado, interligado, complexo e desafiador. Enquanto abordagem da escola como um todo, é essencial que esta cumpra alguns pressupostos:

- Ter uma visão para a aprendizagem global
- Promover um processo de planeamento reflexivo que incorpore os resultados
- Interligar o trabalho dos diferentes espaços dentro da escola
- Envolver pessoas e instituições da comunidade
- Incorporar a aprendizagem global na prática geral de toda a escola
- Garantir uma liderança comprometida com este tipo de abordagem. (<https://globaldimension.org.uk/>)

As propostas que se seguem e que surgiram da reflexão feita nas reuniões de parceria e nas reuniões de equipa, nas reuniões com docentes e com a comunidade cigana, vão ao encontro de alguns dos pressupostos defendidos pela *whole school approach*. Estas ou outras propostas que possam surgir de uma reflexão das diferentes comunidades educa-

tivas parecem-nos essenciais para que se crie uma escola verdadeiramente transformadora.

1. Menu especial em dias especiais

Assegurar que no menu da cantina escolar e em dias especiais seja servida comida típica cigana, cujas receitas podem ser recolhidas pelos alunos e alunas junto da comunidade cigana do território em questão ou através de pesquisas na internet. Esta iniciativa deverá ser acompanhada por uma sensibilização para a não discriminação das pessoas ciganas.

2. Campanha nos individuais de tabuleiros da cantina

Um exemplo de campanha que se refere no ponto anterior pode ser a criação em datas específicas, por exemplo no Dia Nacional das Pessoas Ciganas, que se celebra a 24 de junho, individuais para os tabuleiros da cantina com mensagens inclusivas. Estas mensagens podem resultar de um trabalho prévio em que se envolve toda a escola ou parte dela.

3. Educação Moral e Religiosa Evangélica

Disponibilizar a disciplina de Educação Moral e Religiosa Evangélica nos mesmos horários em que decorre a aula de Educação Moral e Religiosa Católica. Esta ideia surgiu da comunidade cigana e foi encarada como uma estratégia para motivar as crianças, mas também pais e mães a permanecerem na escola. Não havendo a possibilidade de se contratar docente para a disciplina devido ao número reduzido de alunos e alunas, poder-se-ia, por exemplo, recorrer ao voluntariado dos pastores evangélicos que existem em cada comunidade.

4. Pintura de um mural

Organizar a pintura de um mural na escola ou no espaço envolvente com a participação de diferentes disciplinas

que se complementam na criação de uma mensagem antidiscriminatória das pessoas ciganas.

5. Pessoas-chave da comunidade cigana convidadas da escola

Convidar pessoas de referência da comunidade cigana para irem à escola ou mesmo a algumas aulas falar sobre a cultura cigana e sobre conteúdos que sejam abordados em diferentes disciplinas. Como exemplo, numa aula de matemática pedir a uma pessoa cigana que seja comerciante que explique como faz as contas quando interage com clientes e/ou pedir a outra pessoa cigana, licenciada e de preferência a trabalhar na área, que possa ir ensinar alguma coisa prática a uma aula.

6. Campanhas de sensibilização com cartazes

Organizar campanhas de sensibilização usando o departamento de design da escola. Mais uma vez, pode ser interessante envolver as diferentes disciplinas neste projeto.

7. Festa de final do ano com atuações de pessoas ciganas adultas

O programa de animação da festa de final de ano letivo pode contar com a colaboração de grupos de música cigana. Ainda que em alguns casos só seja permitido interpretar músicas religiosas, devido às regras de algumas confissões religiosas, é sempre importante para a sociedade maioritária ficar a conhecer este aspeto da cultura cigana e é, sem dúvida, uma forma de a comunidade cigana se ver reconhecida na escola.

8. Associações de encarregados/as de educação inclusivas

As associações de encarregados/as de educação podem convidar pais ou mães das comunidades ciganas a integrar os seus corpos sociais não apenas porque lhes per-

mite melhorar a sua representatividade, mas também porque compromete de forma diferente estes ou estas representantes com a missão desta associação e, conseqüentemente, toda a comunidade cigana. É também uma forma muito eficaz de cultivar o sentimento de pertença à escola.

9. Mentoria pelos pares

Organizar um programa de mentoria de jovens ciganos e ciganas que frequentem anos letivos mais avançados para que acompanhem crianças ciganas acabadas de chegar à escola, evitando assim que o sentimento de estarem fora do seu ambiente as empurre para o abandono escolar.

10. A figura de mediador/a escolar

A figura de mediador ou mediadora escolar é considerada essencial para quebrar o ciclo de exclusão em que as crianças ciganas estão envolvidas graças a fatores múltiplos, já que pode ajudar a percebê-los e a ultrapassá-los. A sua presença no espaço escolar é fulcral porque promove o diálogo intercultural, contribui para a prevenção e resolução de conflitos com base em diferenças culturais e facilita a comunicação entre a escola, as famílias e as próprias crianças ciganas. Tem ainda a importante função de transmitir a pais, mães e crianças da comunidade cigana uma sensação de segurança que aumenta a probabilidade de as crianças continuarem na escola diminuindo assim o abandono e insucesso escolares.

11. Contratação de assistentes operacionais

A contratação de assistentes operacionais de origem cigana pode ter impactos muito positivos no sucesso escolar das crianças e jovens das comunidades ciganas pois tal como o mediador ou a mediadora, transmite segurança a pais e mães que tradicionalmente veem a escola como um lugar de perigos vários.

12. Formação de docentes

Da nossa experiência neste projeto foi claro que uma grande parte do pessoal docente não conhece a cultura cigana o que, só por si, é um entrave a um bom relacionamento com os alunos e alunas com quem tem que interagir. A formação a que todas as escolas podem recorrer através do Alto Comissariado para as Migrações, I.P. pode fazer toda a diferença. Esta formação pode contemplar, por exemplo, a visita aos bairros onde moram as crianças e as suas famílias criando assim uma relação de cumplicidade essencial para que se crie, a seguir, a confiança.

Estas são apenas algumas iniciativas que podem revelar uma escola comprometida com a transformação social. Muitas outras estão a ser dinamizadas por todo o país com resultados positivos pois a mudança só ocorre com ações positivas e nunca com ações de exclusão ou de repressão. Em 2019 a Direção-Geral da Educação lançou um Guião para as Escolas que apresenta várias intervenções recentes e bem-sucedidas e que vale a pena conhecer: Promover a inclusão e o sucesso educativo das comunidades ciganas (www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Educacao_Intercultural/documentos/guiao_comunidades_ciganas.pdf).

Refira-se que em todas as iniciativas que a escola possa promover deve-se ter sempre em conta os perigos que se correm quando se distinguem ou evidenciam aspetos culturais de outros povos ou comunidades. A tentação ou o perigo de que se encarem estes hábitos culturais como algo exótico pode ter o efeito oposto ao que se pretende quando queremos destruir barreiras, pois o exótico passa a ser encarado como algo que nos afasta e não apenas como algo que é diferente. Pode ser mesmo interpretado como um sinal de atraso cultural contribuindo para o reforço de estereótipos e para a discriminação.

Maria José Casa-Nova, num artigo científico sobre esta temática, questiona: “É possível a construção de uma escola pública enquanto espaço de inclusão de múltiplas diferenças, lugar de vários mundos, espaço sócio-culturalmente desterritorializado de construção de diálogos entre a diferença que se perspective enquanto tal e não a diferença perspectivada pela cultura da sociedade maioritária, ignorando-se a si própria nessa diferença?” (Casa-Nova, 2006, pág. 177).

Queremos acreditar que o *Reflexo - Ferramenta pedagógica* para uma nova relação entre a escola e as comunidades ciganas seja um passo nesse sentido.

6. Alguns recursos disponíveis

Alto Comissariado para as Migrações

Estratégia Nacional para a Integração das Comunidades Ciganas

<https://www.acm.gov.pt/pt/-/estrategia-nacional-para-as-comunidades-ciganas-enicc-concig>

Direção-Geral da Educação

Guião para as Escolas – Promover a inclusão e o sucesso educativo das comunidades ciganas.

(www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Educacao_Intercultural/documentos/guiiao_comunidades_ciganas.pdf)

Observatório das Comunidades Ciganas

Coleção Olhares

Estudos (<https://www.obcig.acm.gov.pt/estudos-obcig>)

Teses e Relatórios (<https://www.obcig.acm.gov.pt/estudos-e-publicacoes/teses-e-relatorios>)

Guias práticos públicos estratégicos (<https://www.obcig.acm.gov.pt/outras-publicacoes>)

Observatório da Língua Portuguesa

Livros digitais para crianças/jovens

(bibliotecalivrosdigitais.observerlinguaportuguesa.org/)

Obra Nacional da Pastoral dos Ciganos

Textos científicos e literários

(sites.ecclesia.pt/onpc/index.php?option=com_content&view=article&id=1016&Itemid=25)

Kit Pedagógico Romano Atmo

Kit Romano Atmo

(<https://www.acm.gov.pt/-/-romano-atmo-kit-pedagogico-online-no-site-da-dge?inheritRedirect=true>)

Referências

Barrett, M. D. (2011). *Intercultural competence*. EWC Statement Series, 2, 23-27

Bradshaw, D., Jay, S., McNamara, N., Stevenson, C., & Muldoon, O. T. (2016). "Perceived discrimination amongst young people in socio-economically di-sadvantaged communities: Parental support and community identity buffer (some) negative impacts of stigma." *British Journal of Developmental Psychology*, 34(2), 153-168.

Casa-Nova, M.J. (2006). "A relação dos ciganos com a escola pública: contributos para a compreensão sociológica de um problema complexo e multidimensional", *Revista Interações*, nº 2, Julho de 2006, pp. 155-182. <http://nonio.eses.pt/interaccoes>.

Conselho da Europa (2018). *Reference framework of competences for democratic culture*, vol.1. Estrasburgo: Conselho da Europa.

Major, B., & O'Brien, L. T. (2005). *The social psychology of stigma*. *Annual Review of Psychology*, 56, 393-421.

Milani, M. (2018). Educating communities for the development of intercultural competence [Comunità educanti per lo sviluppo di competenza interculturale]. *Journal of Educational, Cultural and Psychological Studies*, 17, 207-220.

Keeson, K. (2015). Educação democrática e a criação de uma comunidade justa e de afetos. In. M. L. Branco & J. A. Domingues (Eds.), *Currículo e cidadania* (pp. 59-94). Rio de Janeiro: Dialogarts/UERJ.

Smith, E. P., Boutte, G. S., Zigler, E., & Finn-Stevenson, M. (2004). Opportunities for schools to promote resilience in children and youth. In K. I. Maton, C. J. Schellenbach, B. J. Leadbeater, & A. L. Solarz (Eds.), *Investing in children, youth, families, and communities* (pp.213-233). Washington, DC: American Psychological Association.

Touraine, A. (1998). *Iguais e diferentes: Poderemos viver juntos?* Lisboa: Instituto Piaget.

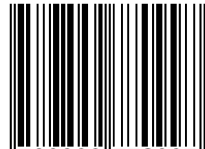
Parceiros:

COOLABORA^{GRUPO}



ISBN 978-989-97709-9-7

Cofinanciado:



9 789899 770997